

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

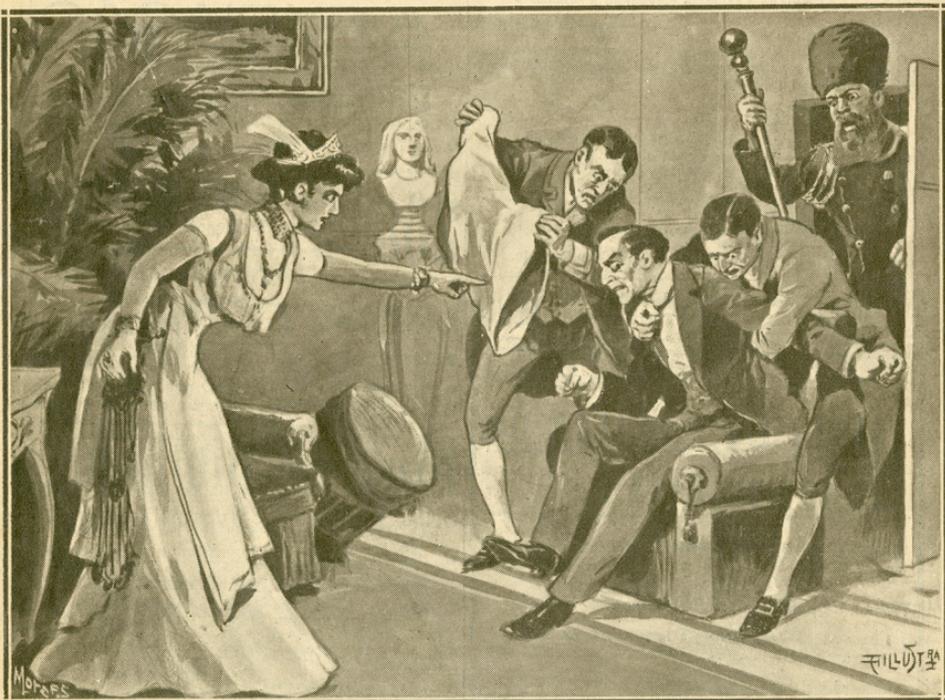
• A NOVELLA POPULAR •

N.º 123



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

A mulher das quatro cabeças



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COM. E IMP. NA EMPLUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Encyclopediã Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver nos meninos ilustrados o gosto pelos estudos scientificos, são necessarios para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primeira collecção, que encerrará verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KISWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a serie da *Encyclopediã Popular*, tem obtido no estrangeiro e nos colossaes dos extos.

No prelo:

Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowicz
As Estrelas e os cometas, por Secchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Inteligencia e o cerebro, por G. Marais
Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
O Alcoolismo e os seus estragos, por Scricux e Mathieu
A Physiologia de Espirito, por Paulhan, et. etc.

100 rs. CADA VOLUME BROCHADO E —SITIDAMENTE IMPRESSO— 250 rs.

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

- I Obscuidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia..... 500
 - II Impudicicias de Roma Primitiva—Devasidido dos Romanos..... 300
 - III Desmoralisação Francaesa—Tempos modernos.. 300
- No prelo:
- IV (o ultimo volume) Tempos modernos..... 500

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

==CADA VOLUME CONTE==

== 14:00 LINHAS ==

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zaccaria*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bowler*.
A aposta maldita, por *Julio de Gastyne*.
Os Facas d'Ouro, por *Panlo Féval*.
As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptura attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 REIS

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

◆ um bom romance completo

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆◆◆ Edições luxuosissimas ◆◆◆
◆ com bellas e numerosas gravuras intercaladas ◆
◆◆◆ no typo ◆◆◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituída por edições luxurrias e artisticas, e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I—Diloso Iar, por *Marcel Prevost*
- II—Aphrodite, por *Pierre Louys*
- III—Prima Laura, por *Marcel Prevost*

500 Rs. Preço de cada volume brochado 500 Rs.

Numero 123

Lisboa, 26 de Outubro de 1911

Anno III

A MULHER DAS QUATRO CABEÇAS

Um romance de grande formato

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptura attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptura attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptura attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptura attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptura attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

No prelo:

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Um coração de mãe torturado

Sherlock Holmes, o celebre policia amador, regressára de uma viagem a Paris, trazendo consigo um rapaz chinês, de nome Wang, a quem libertára d'uma horrivel escravidão e que tentava adoeptar ao seu serviço.

A sr. Bonnet, a respeitavel governante do criminalista, ao ouvir e este dizer que aquelle homozinho de olhos obliquos devia ser tratado como se fizesse parte da familia, indignára-se e perguntára com modos que tinham algo de comicoes se em breve o amo se não lembraria de trazer para casa um negro, sem esquião ni contra qualquer typo scoliozo. Quando a respeitavel dama entera no malabar da sua pergunta, foi interrompida pela criada, que vinha annunciar a chegada de uma senhora, vestida de luto pezado que pedia com insistencia para ser recebida. Essa senhora vinha alli algumas vezes durante o tempo que Sherlock Holmes estivera em Paris.

O criminalista, sempre prompto a attender os que soffriam, ordénos que a visitante fosse introduzida, no mesmo tempo que fazia signal á governanta para se retirar.

«Dahi a momentos entrava aquella que tanto empenho mostrara em ser recebida, a qual, dando um passo para Sherlock Holmes, disse:

—Sou lady Constança Worthington, uma verdadeira desventurada, o que faz com que me atreva a vir pedir-lhe conselho e, se puder ser, implorar o seu valioso auxilio. Enviarei ha annos, ficando-me apenas uma filha chamada Molly.

«Ha obra d'um anno, minha filha confessou-me um dia que tinha casado com um tal Alois Menzel e que seu marido arranjára em Vienna uma collocação magnifica, tendo ella de partir para alli, a juntar-se-lhe.

«A principio não quiz dar credito ao que ouvia, mas em breve fui obrigada a render-me á evidencia. Minha filha dizia a verdade e nada do que eu lhe disse, conselhos e censuras, surtiu effeito. Essas censuras cessaram perante a desventura que attingiu minha filha, a qual não quiz confiar-me a causa dos seus desgostos.

«Apesar das minhas advertencias, partiu para Ir ter com seu marido, homem para mim completamente desconhecido, pois nem sequer nunca o vi.

«Dias depois recbi uma carta em que Molly me pedia para vender o mais depressa, que possivel fizesse parte da sua fortuna e que lhe enviasse o producto da

ACD
823-91
DS98-99
P47
125 no. 123

venta, pois seu marido tinha de depositar uma certa quantia como caução do seu logar.

«E' preciso dizer-lhe, sr. Holmes, que minha filha tinha uma fortuna avaliada em 100.000 libras, que lhe fôra legada directamente por meu marido, o qual tomara essa providencia a fim de obstar a que eu contrahisse segundas nupcias.

«Fiz o que minha filha me pediu e enviei-o de dinheiro que apurara. Molly mandou-me dizer que era muito feliz e renovou com pequenos intervallos os pedidos de dinheiro, o que me fez suspeitar de que alguma coisa de anormal se passava.

«Tomei informações e consegui saber que meu genro estava interessado numa empresa, que sendo bem succida, daria lucros fabulosos, mas que dependia muito capital e se encontrava ainda em principio.

«Havia muito que eu tencionava partir para Vienna a visitar minha filha, mas não me offereceu ensejo favoravel para tal. Quando o pôde fazer, era tarde. Minha filha tinha desaparecido.

«As lagrimas embargaram a voz da narradora e durante algum tempo no apenso só se ouviram os soluços d'uma mãe que lamentava a perda da filha estremecida.

Sherlock Holmes, habituado a ler nos rostos e nos corações, notára em lady Worthington alguma coisa mais que a angustia e depois de a ver um pouco mais secretamente perguntou-lhe:

—Não é verdade que o seu noivo ou o seu amante não queria de forma alguma que a senhora fôsse a Vienna?

Ella olhou para o criminalista como se na sua frente tivesse surgido um espectro, ergueu-se precipitadamente á deslida em que se sentára e recoua alguns passos, como que horrorizada.

—Como é que o senhor pôde saber?... balbuciu ella. Oh, não, não pôde saber!

—Disse-me que era viuva e eu não me teria atrevido a fazer-lhe semelhante pergunta se a senhora o não tivesse dado a entender.

—Eug Cunningham esteve então aqui? Que patife! Não, não tenho a honra de conhecer lord Cunningham, nem lhe pouco foi procurar por elle.

—Nesse caso, sr. Holmes, como é que soube o que acaba de dizer-me? E' impossivel que reobesse taes informações de qualquer outra pessoa.

—Posso garantir-lhe que não as recebi.

—Quem foi então que lhe fallou, que lhe revelou tão terrivel segredo?

—Quem? A senhora é que ha pouco m'o confessou.

—E? Eu confessei?

—Sim, foi a senhora e von dizer-lhe comô. Confessou ha pouco que não se oppuzera á partida de sua

filha para Vienna e que só muito tarde pudera ir vital a. Quem poderia impedir uma mãe de visitar sua filha, a não ser um homem que lhe domina a vontade ou que está preste a dominal-a, quer dizer, um noivo ou um amante? A pallida que lhe lavada o rosto veiu revelar-me que não me suganra nas minhas supposições. E a senhora revelou até o nome d'aquelle a quem vai ligar o seu destino, assim como denuncia que tinha commettido um erro ao fazer tal escolha.

Lady Constança Worthington olhava assombrada para o criminalista, não querendo dar credito ao que ouvia. Após um pequeno silencio, replicou:

—Diz que commetti um erro? Não, não foi erro, mas sim preparei a minha desventura. Se disser que fui victimas de um seclerado e perdi metade da minha fortuna não dirá senão a verdade.

E lady Worthington contou ao celebre criminalista uma historia que lhe despertou vivamente a attenção, historia do seu casamento secreto que não fôra mais que uma cilada.

No dia seguinte, esquecendo as fadigas da viagem que ainda no domingo anterior fizera, acompanhado pelo seu fiel auxiliar Harry Taxon e pelo chinês Wang, Sherlock Holmes partiu para Dover, embarcou ali, e ao chegar a França tomou bilhete para Vienna de Austria.

Tendo partido com o objectivo da procurar a filha, desaparecida, de lady Constança Worthington, o criminalista viu-se envolvido num caso que lhe fez esquecer o fim da sua viagem e que o levou aos meios mais elegantes da aristocracia viennense.

CAPITULO II

A mascarada

Sobre Vienna caíra durante todo o dia uma chuva meada que á noite se convertera em terrivel agassero, obrigando os habitantes da allegre cidade a recolhem-se a suas casas. O agassero transformara-se em temporal e pelas ruas e praças não apparecia ninguém. A illuminação das principaes arterias apagára-se e o mesmo succedia nos arredores, que se viam immeros em funda escuridão.

Afastado bastante de Zentrum, na rua Mariahilfer, uma sala ampla, desfogada, ficava situada o ministerio da guerra, uma das fachadas do qual olha para essa rua e uma outra para o passeio que ali começa.

As extensas dependencias do rez-do-chão d'esse velho edificio são todas occupadas pelos servicos do Estado, enquanto o primeiro andar e as aguas furtivas servem de residencia ao ministro da guerra e sua

família, composta de esposa, um filho e cinco filhas.

Dera uma hora da noite. A sentinella do lado principal, sconchegada a um canto da guarita, dormitava, convencida de que com um tempo como o que estava a ronda não appareceria.

Mal soára uma hora no relógio da egreja proxima, uma silhueta se desenhou no passeio, coada com a parede do edificio. Ao chegar ao alto portão, um vulto se destacou d'ali, travando-se o seguinte dialogo:

—Está tudo em ordem?

—Tudo.

—A sentinella?

—Dormindo na guarita. Só d'aqui a uma hora será rendida.

—Onde está Geschmieder?

—Lá dentro, para ver se allego flooa nos subterraneos.

Geschmieder ha de sempre fazer o que entende e lhe apraz.

Antes que aquelle a quem estas palavras eram dirigidas pudesse responder, a porta entreabriu-se e um vulto murmurou:

—Deoçam ficar ali fôra até que a sentinella os veja e lhe tenha dar as boas noites?

—Calada, Geschmieder; abriste a bocca sem necessidade. Que andaste a procurar na casa?

—Se querem alterar, arranjem-se como entenderem, que eu vou me embora, disse um d'elles, dispondo-se a afastar-se.

—Marchem tem razão, não temo tempo a perder, nem para queixas. Vamos ao que importa. Tu, Marchen, ficas no passeio e dá's signal com a lampada em caso de perigo. Fechamos a porta, porque o guarda, que vem sempre ás duas horas, podia lembrar-se de vir se ella está ou não fechada, o que faria com que estivessemos perdidos. A sentinella mesmo pôde, por acaso, descobrir que ella está aberta, e em tal caso daria o signal de alarme.

—Fapam o que entenderem, redarguiu aquelle a quem haviam chamado Marchen, mas entendo que é tolice. No caso de serem descobertos e pretenderem fugir virão dar o nariz na porta fechada. A sentinella, com este temporal, não sairá da sua guarita por certo, o guarda tambem não virá fazer a ronda habitual, e a vigia deve ter-se mettido para algum sitio onde a chuva o não molhe, alguma porta de sacada ou coisa semelhante. Marchen, mais conveniente que a porta fique aberta.

—A porta será fechada, já disse, o tu conservar-te has no teu posto.

Marchen desapareceu, remungando, nas trevas que envolviam o passeio. Os dois desapareceram dentro do edificio, fechando a porta.

—Então, Geschmieder, conseguiste já saber alguma coisa?

—Julgas que passeio de noite por praças n'uma casa habitada? A porta que dá para onde está o cofre está aberta, como abertia estava a da rua. Como vê's, sei servir-me dos instrumentos proprios da nossa profissão. Se tu não viesses, eu faria o trabalho só como Marchen, mas appareceste, o que é ainda melhor. E escusas de estar com piadas, que para mim são escusadas; porque um homem só não leva a cabo empreza de tanta monta.

—Bem, bem, vamos ver o que se pôde fazer. Tens ali a lampada?

Uma luz brilhou na escuridão.

Os dois bandidos, pois era de bandidos que se tratava, descalçaram-se, metteram os sapatos nos bolões e dirigiram-se para onde ficava o cofre forte, subindo os poucos degraus que do rez do chão davam para o primeiro andar.

Encontraram-se em frente d'uma porta massiva, que parecia intacavel, mas que estava aberta, devido á pericia de Geschmieder. Transporta esta, seguiram por um longo corredor, á direita e á esquerda viam-se portas encimadas por letreiros que indicavam os servicos a que se destinavam as salas para as quaes essas portas abriam.

—Tens a certeza, Blasser, de que elle guardou no cofre a quantia que sabes? perguntou Geschmieder.

O interrogado respondeu em tom zombeteiro:

—Perguntas se tenho a certeza? Mas, meu velho, imaginas que não sei o que fapo e o que digo? Prevejo taes as hypotheses e quando me metto num trabalho deves é porque sei o que fapo e o que quero. Mães á obra e vamos tratar de abrir esta porta.

Tinhão chegado em frente d'uma porta, encimada por um letreiro que dizia: «Ossa fortes».

—Que diabose guarda aqui? perguntou Geschmieder, ao mesmo tempo que com um pequeno instrumento abria sem difficuldade a porta.

Blasser, com um certo orgullo, retorquiu:

—Bravo, bom trabalho! Com o tempo virás a ser Geschmieder, um magnifico saltador, mas não deves ser tão precipitado nem tão imprudente.

Entraram, deparando se-lhes á vista immediatamente um grande cofre, que com algumas secretarias, cadeiras e uma mesa constitua toda a mobilia.

—Com mil diabos, o cofre é tão forte que difficilmente poderemos conseguir alguma coisa. Além d'isso, é revestido de couro.

—E' um cofre magnifico, de construcção recente, disse Blasser. Mas, apesar d'isso, vamos ver se nos resiste. Faze o que eu te disser. Ha de ser difficil, repito, mas já não é o primeiro d'este systema com que tenho de me haver.

— Ao mesmo tempo que la fallando tirava dos bolsos diversas frascas e outros objectos, collocando-os em cima da mesa.

— Geschmieter olhou admirado para tudo aquillo, perguntando:

— Querés arranjar aqui algum laboratorio chimico, Blasser? Para que diabo te servem todos estes objectos?

— Silencio! Vem ajudar-me e nem palavra. Vés esta broca? Quando te disser que largues, põe-a em movimento.

Blasser humedeceu o orificio da fechadura do cofre com o conteúdo de um dos frascos, espalhou por cima um pouco de exigonio e tentou, auxiliado pelo companheiro, fundir a fechadura.

Era uma invenção de Blasser, um dos mais habéis, se não o mais habil gatemão da Vienna, invenção de que elle se orgulhava tanto como Stephansen com a sua primeira locomotiva.

Geschmieter perguntava ora uma coisa, ora outra, mas Blasser não respondia e o trabalho só afrouxava um pouco quando os dois homens, alternadamente, passavam para limpar o suor que lhes alijovava o rosto.

— E' trabalho inutil o que estão fazendo, porque o cofre é fortissimo e resiste á broca, meus senhores.

Como se tivessem recebido um choque electrico, os dois bandidos voltaram-se para a porta, onde soára a voz que taes palavra acabava de proferir.

— Não limitar. Fica uma mulher vendida de preto, com o rosto occulto por uma mascara preta. Na mão direita empunha um revolver, assentado sobre os dois scelerados, e na esquerda uma lanterna que espalha uma luz intensa em torno.

— Fomos trahidos! Animal! Vamos a ella, se não queeres...

— Se fazem um movimento, metto-lhes uma bala na cabeça, disse ella em voz ameaçadora. Tenham juizo e promette-lhes que com isso nada perderão. Não conseguiriam, nem conseguiriam abrir o cofre sóis, mas vou aconselhá-las e verão como em breve obtierão bom resultado.

— Ao ouvirem taes palavras, os bandidos ficaram ainda mais assombrados, do que se achavam.

— A senhora interessa-se por este trabalho? perguntou Blasser em tom tranquillo.

— Ensinar-lhes hei a maneira de abrirem o cofre se prometterem ter juizo, retorgueis a descolheçda.

— Que entende a senhora por termos juizo?

— Primeiro que tudo, absterem-se de qualquer tentativa para não os surprenderem, pois desapparecerão-lhes que seriam muito mal succedidos. Em segundo logar obedecer e não perguntar.

— E se assim não procedessemos, se tentassemos

saber quem a senhora é e como veio aqui ter? Interrogou Geschmieter em tom fatico.

— Não sairiam d'aqui com vida.

Geschmieter ficou pensativo e Blasser elhou com uma certa admiração, não isenta de terror, para a mulher que assim fallava.

— Ambos pensaram que quem allá tinha chegado por meios d'elles desconhecidos dispunha de grande poder, e não se atreveram a replicar, dominados por uma força extranha, uma especie de suggestão a que não podiam resistir.

— Sem querer mesmo, vim ser obrigados a submeter-se a uma vontade mais imperiosa que a sua.

A mascarada, sem mostrar temor algum, metton o revolver no bolso do seu elegante vestido, entrou fechou a porta e ordenou em voz imperiosa, como de quem está habituado a ser obedecida.

— A unica forma de abrir o cofre é viral-o e atical-o pelo fundo.

Blasser elhou para ella com ar chocarreiro:

— Parece-lhe então que seriamos capazes de virar este monstro?

— Já lhes disse que não temo que perguntar, mas apenas obedecer. Vou provar-lhes immediatamente que é realisavel o que se lhes affigura impossivel.

— E a uma ordem dada pela desconhecida, os dois bandidos foram buscar uma secretária, que collocaram em frente do cofre.

Depois, seguindo ainda as indicações que ella lhes dava, metteram pequenas alavancas de pontas curvadas contra a parede e as costas do cofre.

Os scelerados perceberam então o que ella pretendia fazer.

— E' possivel que assim consigamos remover-o, mas com certeza cairá sobre a secretária, que se desfatá, produzindo um ruido estupefacente, ruido que imprimevriamente nos fará apaaahar com a bocca na beija, visto que acordará toda a gente da casa, a não ser que estivesse mergulhada no somno eterno.

— E quem lhes diz que assim não é? Julgam que eu viria para aqui esperal-os e entrar em combinações, se me não tivesse primeiro assegurado do bom exito do empreza?

— Os bandidos ficaram attonitos ao ouvir taes palavras.

Blasser, o primeiro que recuperou um tanto ou quanto o sangue frio, atreveu-se a perguntar.

— Sabia que nós vinhamos aqui? Não, não pôde ser, isso é um absurdo. Ninguém sabia das nossas projectos, visto que nem eu nem Geschmieter d'elles fallamos.

— Esquece-se do seu terceiro companheiro, do homem que se chama Marchen e que está a vigiar lá fóre. Mas não foi por elle que soube os seus projectos

posso affirmar-l'ho. Sei tudo quanto quero saber, deixem de perguntas e façam o que lhes ordeno.

— Os dois homens, com os olhos baixos, os dois homens conseguiram fazer inclinar o cofre, que, deslocando-se pouco a pouco, foi sair finalmente sobre a secretária, a qual, rangendo, se desfez em mil pedacões, ao mesmo tempo que o monstro de ferro caía com enorme estróndio.

Os bandidos, empunhando as alavancas á gruta de armas de que estavam prestes a servir-se, olhavam com uma certa angustia para a porta, prompta a abrir cambião á força.

— A porta, porém, permaneceu fechada e no velho edificio não se ouviu ruido algum.

— O poder da desconhecida devia ser grande e os bandidos não atinavam com a explicação do facto d'aquelle enorme ruido não ter sido ouvido.

— Deixaram cair as alavancas.

— A mascarada disse-lhes com sequidão:

— Acreditam agora nas minhas palavras?

— Elles sentiram-se resmimar.

— Vamos, tratemos do resto, ordenou a voz imperiosa.

Obedeçeram. A bróca começou a atacar o fundo do cofre e após uma hora de um trabalho insano a chapa que o revestia cedeu.

Blasser entrou de rastos. La tirando, um a um, diversos objectos, que entregava ao seu cumplice, o qual, por seu turno, os entregava á mascarada.

Esta examinava-os e metton no bolso o que ella agredia, não a occultas, mas sem á vista de Geschmieter.

Decorridos minutos, Blasser saiu do cofre.

— Temos tudo em nosso poder, disse ella. O cofre está completamente vazio. São ao todo trinta e um objectos.

— Levem o seu quinhão e tratem de se safar. Eu ainda aqui tenho que fazer.

— Ao mesmo tempo a desconhecida fazia-lhes signal para saírem no que lhes dava.

— Mas a senhora guardou tres pacotes, objectou Geschmieter, e com certeza que o valor d'elles é superior ao resto.

Blasser tentou fazer com que ella mostrasse o que tinha arrecadado.

— A mascarada, porém, replicou:

— Os tres pacotes que guardai nenhum valor tem para vós. Tratem de fugir, se não querem que o seu trabalho e a sua fachada sejam infructiferos.

Os bandidos guardaram tudo n'um saeco que traziam para esse effeito e, cumprindo a ordem que haviam acabado de receber, dispunham-se a sair.

— Ao chegarem, porem, á porta, a mascarada foi os parar.

— Espere um momento, disse ella. Na proxima

noite, pelas 11 horas, estejam reunidos os tres no mesmo sitio onde planejaram o roubo e conversaram demoradamente sobre o que intentavam fazer. Apparecerá ali uma mulher doxa que proferirá algumas palavras e que talvez lhes pegue alguma coisa. Escutem-na attentamente e devem calcular que dentro em pouco cairão nas garras da policia, se não obedecerem. Por isso, devem internar-se pela terra dentro. Seí que habitam nos subterrâneos de Vienna e que conhecem todos os esconderijos do canal, de modo que a vigiem de hoje foi realizada sem indícios. Por essa razão podem desafiár a policia para ahí. Se eu fizer um signal, occitem-se immediatamente. Em summa, devem ser obedientes ás minhas ordens.

— Ainda mais uma palavra. Não ossem sequer tentar saber a razão d'ellas, porque d'isso lhes adviria grande perigo. E agora fujam.

— Ao ouvir tal ordem, os bandidos, como que subjugada a vontade por uma força extranha, apressaram-se a obedecer.

Sairam e com a mesma precaução com que dans horas antes tinham entrado, abandonaram o velho edificio, dirigindo-se para o sitio onde eram aguardados por Marchen.

— Foram fozites? perguntou-lhes este logo que os viu.

Blasser e Geschmieter nada responderam, continuando a caminhar.

Só quando já o ministerio da guerra lhes ficava muito atraz é que pararam; contando resumidamente o que lhes havia succedido.

Marchen, disse:

— Causou-me isso admiração. Desejo vêr essa mulher, descobri'r quem ella é. Esperem-me em Vienna e nada digam a meu respeito, porque lhes juro que havemos de tirar magníficos lucros d'essa mulher.

Conocebera rapidamente um plano.

Voltou para o seu posto de observação. Ali se conservou até ao siminhecer.

Ninguém, porém, saiu do ministerio da guerra. A desconhecida não saíra pela porta principal, de que elle não desfitára a vista.

Devia conhecer, com certeza, algum caminho subterraneo que dava facil accesso ao edificio.

Que caminho seria?

CAPITULO III

O interrogatorio

O inspector Birdmaier, do commissariado do bairro Mariabelf, fôra tomar o lugar do seu collega que fôra de serviço durante a noite, perguntando-lhe se houvera alguma novidade.

—Que novidade queria que houvesse n'oste bairro tranquillo? Nem um misero andrajoso caiu na rede. Dormi toda a noite a somno solto. Ah! Com uma vida assim, arrisca-se a gente a crear gorlora demais. Nem um acontecimento para distralir o aborrecimento!

O collega do Birdmaier saiu e este occupou o seu lugar, convencido de que coisa alguma de anormal occorreria.

No momento, porém, em que se installava em frente d'uma secretária com toda a commodidade, sou a campanha do telephone.

O inspector, com a maior pachorra, dirigiu-se ao apparell, percebendo-se apenas o seguinte:

—Aqui, inspector Mariabelf...

...
—O que?

—No ministerio da guerra?

...
—Impossivel! Quem falla?

...
—Então?...

...
—Sen creado, sr. major.

...
—Está bem, vou immediatamente.

...
—Incrivel!

—Como? Sim, senhor, perfeitamente, vou tratar d'isso sem demora.

...
—Belle, senhor major.

...
—Obrigado, obrigado.

Birdmaier pediu ligação para o commando da policia.

—Informem-me do ministerio da guerra que se deu all esta noite um roubo importante e que sua excellencia o ministro, assim como toda a sua familia e creadagem nada sentiram, porque dormiam profundamente, e ainda dormem. O sr. major, ajudante de

campo, manda prevenir o commandante da policia e eu parto immediatamente para o ministerio.

Ao chegar ao ministerio, o inspector viu que era a expressão da verdade e que o major lhe communicára pelo telephone a noticia do roubo. O cofre d'uma secretária fôra derubado e debaixo d'elle via-se uma secretária fôrta em mil pedaços. O fundo do cofre fôra fôrgado e os compartimentos estavam completamente vazios.

A segunda parte da informação não era verdadeira. O ministro, assim como sua esposa e filhos dormiam a somno solto e o medico, que fôra chamado a casa a pressa, affirmou que tal somno era devido a um narcotico que lhes havia sido proporcionado, assegurando mais que d'ali a horas, poucas, acordariam.

O filho do ministro não estava em casa. A creadagem resonava tranquillamente, e o que fallia com que as investigações não pudessem começar desde logo.

Até a propria dama de companhia da filha do ministro, uma bella joven, fôra encontrada no seu quarto dormindo a bom dormir, o que complicava ainda mais o caso.

Birdmaier começou a olhar com uma certa desconfiança para o ajudante de campo do ministro.

Momentos depois apparecia o commandante da policia, acompanhado de tres pessoas: um homem de rosto comprido, um rapaz ainda novo e um chinês.

Eram desconhecidos do inspector, o qual se dirigia immediatamente ao seu superior, contando-lhe o que até all havia observado.

O ajudante de campo, depois de cumprimentar o funcionario superior da policia, elhou para os tres homens d'um modo especial, como que perguntando se podia fallar deante d'elles.

—Este senhor é o celebre criminalista Sherlock Holmes, apressou-se o commandante da policia a informar, e os que o acompanhavam são seus auxiliares. O sr. Sherlock Holmes teve a amabilidade de me acompanhar e o senhor major pôde fallar com a maior franqueza.

—Trata-se de um assumpto de alto interesse para o Estado...

—De que eu, na minha qualidade de commandante da policia, tenho de tomar conhecimento. O senhor Holmes vae auxiliar-nos na descoberta dos criminosos, gentileza que desde já lhe agradeço.

—É claro que de forma alguma quero duvidar da honrabilidade d'este senhor, mas o meu dever consiste em mostrar ao senhor commandante que se trata de um verdadeiro segredo de Estado.

O inspector e os dois ajudantes de Sherlock Holmes saíram, deixando a só o criminalista, o commandante da policia e o major, o qual, tomando a palavra, disse:

—Apesar de ser elevada a quantia roubada, nada é comparativamente com os prejuizos que pôdem advir para o Estado do roubo dos objectos contidos no cofre, de um valor incalculavel. Em tres pacotes de preciosos documentos, que, se fôrrem para os criminosos, podem causar, até serias complicações. Não lhes posso dizer pormenorizadamente de que documentos se trata.

Sherlock Holmes, que ouvira o que o ajudante de campo dizia com a sua habitual tranquillidade, interrompeu-o n'esta altura, perguntando:

—O senhor major sabe com certeza que esses documentos foram roubados de côfres? Não teriam sido guardados em qualquer outro sitio?

—Sim, os documentos estavam no cofre, que propositalmente foi comprado para os guardar, devido a ser resistente e não poder ser com facilidade arrombado. O sr. ministro é em extremo cuidadoso e não commetteria o erro de os collocar n'outro sitio.

—Mas uma pergunta apenas, senhor major, re-dar-pas o celebre criminalista. Que pessoas tinham conhecimento d'esses documentos?

—Apenas o ministro e eu, respondem o ajudante de campo.

Apos uma pequena pausa e como que hesitante, acrescentou:

—Mas...

—Mas? ... disse Sherlock Holmes:

—Mas o ministro creio que fallou n'esses documentos a algum de sua familia.

Seguiu-se um pequeno silencio, interrompido pela entrada de um guarda, que vinha comunicar, por ordem do medico, que a dama de companhia senhora Sternbrugh, estava proxima a accoitar-se.

Os tres homens dirigiram-se immediatamente para os aposentos da joven e chogaram all precisamente no momento em que ella abria os olhos.

Começou queixando-se de fortes dores de cabeça e ficou um tanto ou quanto surprehendida de vêr tanta gente no seu quarto, mas apenas soube de que occorreu durante a noite esqueceu os seus soffrimentos e pôz-se á disposição do commandante da policia.

—Interrogua sobre o que se tinha passado, a joven respondeu com a maior tranquillidade:

—O senhor major pôde affirmar-lhes que tanto o senhor ministro como a sua familia me tratam mais como pessoa de familia do que como extranha. Era hontem o dia do meu anniversario natalicio e foi festejado como se fosse o do meu aniversario d'um dos membros da familia. A noite realiso-se um banquete, pabros a qual se fez expressamente um bolo de que todos comiam, incluindo a criadagem. Se as bebidas eram demasiadas fortes, os se houve outra qualquer causa para isso, o certo é o que de subito todos se queixaram de cansaço e manifestaram vontade de decausar.

«A festa teve, pois, um fim precipitado. Eu senti-me tambem fatigada e dirigi-me para o meu quarto deitando-me mesmo vestida, porque nem com forpas para me despír me senti. E é tudo o que lhes posso dizer.

—Permitta-me, minha senhora, ainda uma pergunta.

Era o celebre criminalista que assim fallára. A joven dirigiu-lhe um olhar em que se lia uma certa curiosidade, visto não conhecer quem se lhe dirigia.

O commandante da policia apressou-se a fazer as apresentações. Ao ouvir o nome de Sherlock Holmes ella empallideceu, estendeu-se na cama e disse em voz um tanto sumida:

—Queira fallar, senhor.

—Quem fabricou o bolo? Foi pessoa estranha?

—Creio que não. Quem o collocou sobre o apparellador, foi o filho do senhor ministro, já depois de estarem todos sentados, e fui eu propria que o fui buscar all e o puz na mesa, dando parte d'elle aos criados que na cozinha todos comessem.

—O filho do senhor ministro assistiu tambem ao banquete?

A joven elhou surprehendida para o celebre criminalista, respondendo:

Certamente que sim. Repito: a festa teve o caracter da maior intimidade.

—Tambem beberia vinho?

Apesar de ainda incommodada, a joven riu francamente.

—Teve a parte do leite, ficando com o maior quinhão do bolo. Pelo que respeita a bebidas, absteve-se, porfim, um tanto ou quanto.

—Vive em companhia da familia?

—Sim, senhor.

—Saiu antes de terminar a festa que tão triste fim teve?

—Não, senhor. Ficou até á última e, se bem me recordo, quiz o bolo que ainda tinha crescido, pois achava delicioso.

Sherlock Holmes não lhe dirigiu mais pergunta alguma.

O commandante da policia e o major olharam-se, saltados pelo mesmo pensamento.

Sairam do aposento, fazendo votos pelo prompto restabelecimento da joven.

—Desejo examinar a casa de jantar, declarou o criminalista.

—O major conduziu-o a essa sala.

Sherlock Holmes pegou num pedaço de bolo que alli encontrou e examinou-o attentamente, o mesmo fazendo aos copos que ainda se viam em cima da mesa. No olhar brilhou-lhe de subito uma chamma.

Ao commandante da policia não passou despercebido o facto, pelo que se apressou a perguntar:

—Fex alguma descoberta, sr. Holmes?

—Tive a confirmação d'uma antiga verdade. Os factos, suppondo ter destruido todos os indícios, commetteram um erro, que acaba de os denunciar.

—E que o sr. Sherlock Holmes descobriu neste momento?

—Exactamente! Como vêem, tudo está ainda nos mesmos sitios, a creadagem nada arrumou, e tudo dorme ainda. Pois examinem bem todos os opios e não encontrarão mais pequeno resto de vinho, o que indica que foram cuidadosamente lavados. Vão á cozinha e estou convencido de que a mesma coisa terá succedido.

O commandante da policia olhou para o adjunt do campo, o qual lhe retorquiu com o olhar não menos eloquente.

E mais se libes arrojou o pensamento que ambos tinham tido quando Sherlock Holmes perguntou quasi as relações entre pai e filho e se este vivia desalagadamente.

O major teve de confessar que o ministro tinha frequentes polemias com o filho, o qual era um estroina, um dissipador de tudo quanto o pai ganhava. Perguntava os clubs onde se jogava e outros lugares pouco proprios d'uma pessoa da sua posição e gerarchia.

O commandante da policia ordenou ao inspector Bildmaier que procurasse o filho do ministro, á fim de ser immediatamente submettido a um interrogatorio. Sherlock Holmes chamou Harry Taxon, fallando-lhe em voz baixa, apoz que este, acompanhando de Wang, saiu.

O que se dá de companhia dissera tinha feito com o caso mudasse completamente de aspecto. O filho do ministro devia ser o autor do roubo, ou, pelo menos, complice e principal agente e factor do crime.

A policia pôz-se immediatamente em campo.

CAPITULO IV

Nos subterraneos de Vienna

Assim como existe uma Vienna sobre a terra, ha outra Vienna debaixo da terra.

E' a patria dos pobres e desgraçados, das que não tem eira nem beira e tambem o refugio dos criminosos de toda a especie.

Quando o infecto rio de Vienna do tempo dos nossos avós que corria atravez da cidade imperial com as suas aguas lodosas, empedrando todos os bairros com

emanações infecciosas, foi canalizado, ficaram em secco alguns canaes, poços e galerias, de que immediatamente tomaram posse milhares de miseros, que não tinham trabalho nem fôto. Esses espaços subterraneos continuaram assim o lugar de refugio.

A policia não podia evitar isso, pois para se apoderar de todas as entradas e saídas seria necessario possuir um effectivo superior dez vezes no que contava. Contentava-se com fazer ali de quando em quando uma rusga; e se caíam na rede eram enviados ao tribunal e depois de cumprirem a pena que lhes era imposta, voltavam áquellees infectos turpídeos, deversas estafetes.

Os que eram mais astutos não se deixavam prender com facilidade, hufidindo a vigilancia da policia.

Não eram, porém, como já dissemos, só os desgraçados que ali habitavam. Os bandidos, os criminosos de toda a especie, reconhecendo que estavam n'aquelle labyrintho com toda a segurança, faziam d'ali seu quartal general.

Blasser, que cumpriera havia pouco uma pena de reclusão, pelo que ficára sob a vigilancia da policia, apazar de ter economisado na casa de correção o sufficiente para poder pagar o aluguer d'um quarto, fora revistar a cidade subterranea, chamamos-lhe assim, e, apazar de se sentir um tanto ao quanto incommodado, preferira esse asylo, para se furtar á vigilancia policial, que lhe não deixava levar a cabo os seus trabalhos profissionaes. Os companheiros com que Blasser, um habil mechanico, fora internado na prisão, ainda não tinham saído soltos, pois tinham de expiar penas mais grava que a d'elle.

Sótoho, pouco podia fazer, e, por isso, travára ligadas relações com um successo, Ladremel Marchon, e com Geschmieter, um habil gatinho de alioes, com os diriamos em portuguez. Alioes-se com elles, que não eram dos mais atléticos, industriou-se o seu modo, amoldando-os a obedecerem á sua vontade e fez-se reconhecer como chefe.

Geschmieter era um bom serralleiro, que sabia manjar na perfeição chaves falsas, mas que até ali não fora considerado como salteador coveiro, por lhe faltarem os instrumentos d'um salteio habil, visto só fabricar gazas, pelo que praticara apenas pequenos arrombamentos.

Marchon, esse fazia o serviço de sentinella e era ainda uma boa acquisição para Blasser sob outro ponto de vista. Nunca fora preso, apazar de nunca ter buca nem beira, pedindo por isso sem perigo ir em busca de viveres e de bebelias, no passo que a Blasser não convinha sair do seu esconderijo.

Geschmieter tinha a qualidade de desde criança viver nos subterraneos de Vienna, conhecendo as galerias profundas, os canaes e todas as entradas e saídas tão bem como o encarregado municipal do canal,

CAPITULO V

A condessa Wera Terezoff

apazar d'este ter pendurado na parede do seu gabinete o plano detallado dos subterraneos. O refugio para onde elle conduziria os seus socios tinha varias entradas, como as tacas das raposas, de modo a não terem a receiar, em caso de surpresa.

Na noite immediatamente d'ou roubo no ministerio da guerra, os tres banditos estavam n'esse refugio conversando sobre os seus negocios. Apazar de Blasser ter pensado em que a empresa seria lucrativa, cuidava-lhe verdadeiramente asombro a quantia que tinham collido.

Procederam á partilha, fazendo Geschmieter e Marchon calculos risinhos a respeito do futuro, pensando em como deviam empregar a riqueza que inesperadamente lhes caíra do céu.

Finalmente Geschmieter propoz que saíssem immediatamente da Vienna e até da Austria, partindo para o estrangeiro. Marchon concordou, mas Blasser disse em tom escarniho:

—Vejo que se occupam de verdadeiras ninharias, em vez de tratarem de negocios serios. Não devem proceder como idiotas. Se se não querem comprometer, para que abandonem a toca? Nem que comenremos. Lá um cima vas o diabo e tomára eu ter um florim por cada suspeito e criam que teria uma boa quantia.

—Blasser tem razão, concordou Marchon. Estamos aqui em segurança, ao passo que lá em cima já não succede o mesmo.

Geschmieter, tambem por sua vez concordou, dizendo:

—Não devemos sair ainda hoje e de mais a mais a mascarada ordeno-nos que esperassemos pela velha. Parece-me, porém, pouco prudente obedecer a essa ordem, pois podemos cair nas malhas de rede; mas se não obedecermos ella é capaz de nos pregar partida.

—Sim, é factio. O que terá ella guardado á sua parte? Com certeza que se um quinhão foi mais valioso que o nosso.

—Silencio! Os agentes estão cá em baixo!

Fôra Blasser quem preferira estas palavras.

Nos subterraneos notava-se uma desusada agitação. Sombras perpassavam rapidas, ouvido se ouvia voz

baixas:

—Acantem-se! Vem a guarda!

Era o aviso dos miseraveis, que assim se esquivavam á acção da justicia.

Os tres bandidos, em silencio, afastaram-se d'ali. Com effeito, a policia, guiada pelo inspector Bildmaier, entrára nos subterraneos, mas apoz uma busca infructifera vinha-se fôrgada a retirar sem que uma unica

palavra fosse ouvida. Os tres banditos, apazar de não terem a receiar, não se atreveram a sair do esconderijo.

A condessa Wera Terezoff mandára edificar um bello palacio no bairro mais distincto de Vienna, cheio de palácios ainda dos tempos antigos.

A condessa era, se que se affirmava, viuva do coronel servio Wasi Terezoff e passára uma vida atribulada em companhia do velho marido.

Ao fallecer este, ficára senhora d'uma grande fortuna e abandonára a sua patria para escapar á grande de sanguiñarios parentes, que lhe desejavam a morte e que talvez mesmo não hesitassem em commetter um crime para se apoderarem dos bens do coronel.

Tentaram esses effectuosos parentes instaurar-lhe um processo, accusando a de se ter desfeito do marido por meio d'um envenenamento. Ella, porém, valendo-se da sua belleza e da sedução que em alto grau possuia, conseguira furtar-se a tal vergonha, não suppondo capaz d'uma tal monstruosidade uma bella, rica e joven viuva.

Era uma mulher adoravel e por isso reuniu em seu torno uma corte de admiradores. A condessa Terezoff fez-se amar.

O palacio que habitava tinha entrada por tres ruas differentes, dando uma, a principal, magnifica, para as amplas ruas, outra para uma rua menos concorrida e finalmente á esquerda para uma das jarchas da cidade, do qual se separava o jardim do palacio, um jardim amplo e muito bem cuidado.

A condessa mandára abrir no muro de vedação, uma pequena porta da qual só ella tinha a chave.

A noite attendia ainda o seu manto sobre a terra. No oriente esperava já uma tempesta fazer procurora do dia.

Na noite em que se dera o roubo no ministerio da guerra, um embuçado atravessava o passeio e se chegar junto da pequena porta de que fallamos metteu uma chave na fechadura, a porta entreabriu-se e e vulto desapareceu no jardim do palacio.

Atravessou este e chegou á retaguarda do edificio. D'um pulo galgou os degraus que conduziam a um terrapão, abriu uma porta e penetrou n'um corredor encolto em fundo escuridido. Devia conhecer maravilhosamente a topographia dos logares que percorria, pois sem uma hesitação, sem tropeçar sequer, levantou um pesado reposteiro e entrou n'uma sala.

Tirando de bolso uma lampada electrica, fez-a funcionar. Encontrava-se na sala de jantar, a branco e ouro, sala que revelava bem a opulencia da dona da casa.

O vulto que alli entrára desemboucou-se. Era uma

mengida esfarrapada, andrajosa, que destoava de logar onde se encontrava. Eram três relas os farrapos que a cobriam que um ferro velho não daria sequer um real por elles, tão cobertos de imundície que só o olhar para elles causava asno.

«O rosto da velha mendiga estava em harmonia com o vestuário: imundo e inchado, nariz avermelhado denotando o habito de embriaguez, olhos orlados de vermelho. Os movimentos é que não estavam em harmonia. Assim, ao atravessar a casa de jantar para ir abrir uma porta não dava signaes alguns de embriaguez.

Percorreu parte da casa, illuminando-se com a lampada. Ao chegar, porém, á porta da sala, essa luz foi-lhe desnecessaria, visto ali estar accessa uma vela.

Sentada n'uma poltrona, na sala de jantar, via-se uma creada dormindo socegradamente. Parecia esperar o regresso da ama.

A velha dirigiu-se para ella, estendendo um braço como que para a despertar, mas, arrependendo-se sem duvida, atravessou a sala, percorreu mais alguns passos, subiu uma escada e entrou finalmente n'um quarto de cama mobiliado com opulencia.

Os creados da condessa Wera Tereoff estavam já habituados ás excentricidades da ama e nenhum d'elles extranhava que ella se levantasse fóra de horas ou chamasse uma creada ao minimo pretexto.

Os creados viueses admiravam-se extraordinariamente que os da condessa, que esta tinha trazido da Servia, se não importassem com tal.

Ora na vespera a condessa não saíra do quarto, nem durante o dia, nem durante a noite, o que causara certo alvoroço. Nenhum dos serviçes porém se atrevera a entrar ali, porque sabia que seria severamente castigado aquelle que o ousasse fazer sem ter sido chamado.

A condessa era inflexivel e não queria tambem que em sua casa se murmurasse da vida alheia.

A campainha só soou ás duas horas da tarde. A creada grave hesitava visivelmente, tendo medo de abrir, até que um novo toque, mais imperioso a fez entrar immediatamente.

—Qua quer isto dizer, Annita? Queres ser despedida? A noite passada deixaste-me dormir n'uma cadeira em vez de cumprimes o teu dever e tive de tocar duas vezes para appareceres. Fallarei com Petroff, Malva occupar-o teu logar e tu partirás no primeiro paquete.

A creada caiu de joelhos junto do leito e estendendo os braços exclamou:

—Não feças isto, sr.ª condessa. Bata-me, mas não me mande embora.

—Sabes muito bem, Annita, que não estamos na nossa patria, que n'este paiz a ama não pode bater nos creados, ainda que estes o mereçam.

Seria castigada por exercer castigos corporaes e,

portanto, não te barei, mas vou mandar-te para casa.

Estas palavras foram proferidas em tom indifferente, apesar dos seus bellos olhos despedirem faiscas exprimindo uma ferocidade não isenta de encantos. A sua cabeça de formas ideaes, apoiada em braços d'um talhe escultural, repousava na almofada de seda.

A creada dirigiu-se apressadamente para o tocador, abriu uma gaveta, tirou um objecto, voltou junto do leito e, pondo-o sobre a coberta ao alcance da mão, supplicou:

—Tenha compaixão de mim, minha senhora, bata-me, castigue-me quanto quizer, não se importe com as leis d'aqui, bata-me, mas não me despeça.

—Bem. Por esta vez serei indulgente e castigar-te-hei.

Afastou a roupa, saltou fóra da cama, empanhando o chiocto.

A serva ajoelhiára, descobrira a parte superior do corpo e encostára a cabeça á roupa da cama.

A condessa, em tom ameaçador, disse:

—Se soltares um grito só que seja, deixarei de te castigar e Petroff levar-te-hei.

Ao mesmo tempo brandia o chiocto sobre as costas de Annita.

A primeira chioctada, o rosto da condessa decompoz-se, adquirindo uma expressão de selvageria. A cada pancada que dava, essa expressão tornava-se mais grotesca.

Annita nada dizia, cravando os dentes na roupa, para nem um gemido soltar.

Quando a condessa terminou, ella beijou-lhe ainda a mão. Ajudou a a vestir-se e panteou a com uma pericia ingenuavel.

A condessa d'ahi a pouco disse-lhe:

—Não gostes de casar com Sascha? Sabes que não quero de namoros demorados e quero tudo em ordem na minha casa.

A creada, soltando um grito de jubilo, ajoelhou aos pés da ama e levando aos labios á fimbria do seu vestido, replicou:

—E' certo que me dá licença para isso, sr.ª condessa?

—Sim, podes casar com Sascha, visto seres obediente. Se tivesses dado algum grito, não te teria mandado para casa, mas casaria Sascha com Malva. Se fóres humilde, recompensar-te-hei. Na minha casa só ha uma vontade: a minha. Dillo-tambem aos outros. E acaba de me arranjar, que quero sair.

Uma hora depois, a magnifica carruagem da condessa estava em frente da porta principal, esperando-a. Pouco depois, Wera-Tereoff, vestida de preto, descia a escada principal e entrava para a carruagem, depois de dar ordens ao cocheiro.

D'ahi a minutos a carruagem parava em frente de

um estabelecimento de modas. A condessa apeou-se, ordenando ao auriga que voltasse para casa.

Depois de o ver afastar, entrou no estabelecimento, percorreu-o e saiu por outra porta, sem que tivesse sequer olhado para alguns dos objectos expostos á venda.

Ao sair d'ali, tirou do bolso um véu preto e com elle tapou o rosto de tal modo que difficilmente poderia ser reconhecida. Em seguida começou a caminhar apressadamente.

Devia conhecer perfeitamente o caminho que trilhava e apesar de atravessar um bairro socegado nem por isso deixava de seguir com a maior rapidez.

Ao chegar em frente d'um predio de agradável apparencia, entrou e subiu a escada até ao terceiro andar. Na porta que dava entrada para esse andar vis-se um bilhete de visita, que dizia:

Dressa Moranco

Professora da lingua sercio

Tirou do bolso uma chave, abriu a porta e entrou. Meia hora depois, saía d'essa casa uma senhora nova, que ao chegar á rua tomou um trem que passava devoluto e mandou seguir para o ministerio da guerra.

Ao chegar á porta, era essa senhora esperada já por duas lindas meninas, as filhas do titular da pasta da Guerra, que da janella haviam visto vir o carro.

—Quando esteve tanto tempo? Receivamos já que sua mãe estivesse peor, ou que perdesse o comboio e não pudessemos festejar o seu anniversario natalicio, para o que está tudo preparado.

A recém-chegada era a dama de companhia das filhas do ministro. A sr.ª Sternbrugh obtivera no dia anterior licença para ir visitar sua mãe, que vivia nos arredores de Vienna e que havia muito estava enferma.

A sr.ª Sternbrugh obtinha frequentes licenças para se ausentar, mas tinha um modo tão gentil de as pedir que não havia possibilidade da lh'as recusar.

A noite realisava-se, como já contámos, a festa, que tão triste epilogo devia ter.

CAPITULO VI

A mensageira da mascarada

Segundo as ordens expressas do commandante da policia, que procedia assim por conselho de Sherlock Holmes, guardou-se absoluto sigillo acerca do roubo committido no no ministerio da guerra.

Ainda o commandante, acompanhado do crimina-

lista, se dirigiu immediatamente ao presidente do conselho de ministros, para reconferenciar sobre o caso, a fim de ver se se conseguia obstar a que os documentos subtrahidos fossem parar a mãos extranhas.

Contava-se com que em breve aquelle que era suspeito como o principal auctor do crime, o filho do ministro, caísse nas mãos da policia, visto que a maioria dos agentes fóra dada ordem para o prendere'm onde quer que o encontrassem.

Sherlock Holmes, com a sua habitual perspicacia, asseverava que havia cumplices, pois o arrombamento fóra levado a cabo por muito habil e experiente, que tinha entrado na perpetração do crime como cumplice.

Por isso, o commandante da policia, suppondo, e com razão, que só Blasser, resentidamente saído da casa de correccão, tinha tal habilidade, procedera a um inquerito acerca d'esse habil patano, adquirindo a certeza de que elle se refugiara nos subterraneos de Vienna.

Fôra então ordenada a busca de que já fallámos, e Blasser não fóra encontrado.

Como narrámos, os tres banditos, ao presentirem a policia, tinham fugido e isto auctorisa-se a uma cavidade infecta, que mais parecia uma cloaca, passando ali horas e horas, sem tujir nem mugir.

—Sem se atreverem a proferir palavra, nem quasi a respirar, os tres banditos sentiam-se já exaustos de forças, quando Geschmielter disse em voz bastante elevada:

—Podemos já regressar ao nosso hotel, pois a policia com certeza o não descobrirá e tenho uma feroca canina.

—Com mil diabos, cala essa bocca, doidivanas, Queres deitar-nos a perder?

«Sabes se por acaso não estár ainda escondido por ali algum maluco epilogo e que ao ouvir-te fallar que sabendo onde estamos?»

—Podes ser muito fino, Blasser, mas affirmo-te d'uma maneira categorica que não ha perigo em voltarmos ao nosso hotel. Escutei attentamente os passos dos malditos epilogos e sei que nenhum ficou nos subterraneos. Ainda não nascou aquelle que seja capaz de se occultar aqui sem eu dar por isto.

E, ditando isto, Geschmielter saiu do sitio onde até ali estivera escondido.

Os companheiros seguiram-lhe o exemplo, tranquillizados com as affirmações que elle fazia.

D'ahi a poucos momentos estavam na toca que Geschmielter cognominava pospostamente de *nosso hotel*.

Encontraram ali as provisões que tinham sido forçadas tlo abrirem a abundancia e, sem que

o fetido que se lhes exhalava dos fatos e incommodasse, comeram e beberam à farta.

Sentiram depois necessidade de descansar. Combinaram que de duas em duas horas se revezariam, estando sempre um de vigia, para o caso de haver perigo e não serem surpreendidos.

Seria Geschmieter o primeiro a ficar de guarda. Seguir-se-ia Hirschen e por último, Blasser.

Geschmieter não pudera, porém, dominar o sono irresistível que d'elle se apoderara e deitou-se ao comprido na terra dura, fechando os punhos e dormido a sono sóto.

De subito um cheiro para elle desconhecido acordou-o. Ergueu-se a meio e reflectiu que já aspirára aquelle perfume. Ode, não se lembrava, mas recordou-se também repentinamente de que da mascarada que lhes apparecera tão inopinadamente no mysterio da guerra se exhalava um perfume equal aquelle.

Esfregou os olhos, para acordar por completo e levantou-se que devia ser a enviada da mascarada regressando-se.

Ouvia uma voz, que lhe dizia heinrich:

— Geschmieter, meu devagarinho para não acordar Blasser e Marchen.

Apezar de proferidas em voz baixa, essas palavras chegaram lhe distintamente aos ouvidos e grande influencia devia ter a voz sobre elle, porque, sem reflectir sequer, dirigiu-se pelo subterraneo, de rasos, até se encontrar a alguma distancia dos seus companheiros.

Endireitou-se e sentindo caminhar atraz d'elle continuou a avançar, não se atrevendo a voltar-se, parecendo estar sob o dominio d'uma ventada desconhecida.

De subito, a voz fez-se de novo ouvir, imperiosa: — Pára, Geschmieter. Já não tenho aqui aqui. Ouve que vozessa ama, que também é minha, calge de vocês. Vejo que dos tres é tu o mais habil e o que acordas ta mais depressa.

O bandido sentiu-se cheio de animo e voltando-se na direcção d'onde soava a voz, atreveu-se a perguntar: — Quem é e como veio aqui ter sósinha, sem guia? Ninguém ainda foi capaz de tal fazer.

Sem responder directamante, a voz replicou: — Admitta-te d'isso? O que dizes então se eu te contasse o que se passou durante a ultima noite n'este esconderijo? Oh! Ha pouco adormeceste, mas ha duas horas estavas ainda acordado e bem acordado, apesar da escuridão em torno de ti ser densa, tão densa como n'este momento.

— Estando ao lado da vocês, a quem podia perder, se quizesse, sem que me vissem, sem que sequer me sentissem. Estão na minha mão, lembram-se sempre d'isso, não podem fugir sem que eu os alcance. Ouvieste bem?

— Vou agora transmitir-te as ordens que a minha e vossa ama lhes manda, ordens que devem ser cumpridas sem uma hesitação.

Houve uma pequena pausa, Geschmieter sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha dorsal.

A voz continuou, em tom muito baixo, mas que o bandido ouvia distintamente: — Tu tiveste bem.

O bandido respondeu: — Que me quer a mascarada?

— Minha ama não precisa nada de ti nem dos teus camaradas. Escuta e não esqueças uma só palavra do que te vou dizer, pois de contrario, serias severamente punido.

— Apenas eu me retirar, irá acordar os teus companheiros. Dirigir-te-hão para o parque Thereza, com o qual pega um jardim, no meio do qual se eleva um palacio. No muro do jardim ha uma porta, pela qual entrarão. Atravessem-no, até chegar a um terraco. Uma porta envidraçada dá acesso à sala de jantar. Ahí encontrarão um rapaz a dormir profundamente numa cadeira, junto da porta.

— Traçam esse rapaz para os subterraneos e escondam-no aqui até receberem novas ordens. Não opporá resistencia, porque não está em estado de o fazer, visto ter tomado um remedio para dormir.

— A entrada para os subterraneos hea proxima do parque, o que lhes não dará muito trabalho, visto que aquelles que tocm de conduzir não fará um movimento, não se terá um grão.

E a voz que fallava descreveu minuciosamente o sitio onde ficava situado o jardim, o muro, a porta n'este felto, dando emfim todos os pormenores attinentes a não darem lugar a um engano.

Coincidencia singular! Era no palacio da condessa Wera Terzoff que os bandidos deviam penetrar.

E a voz continuou: — Abrirão com as suas ferramentas as portas e fechar-as-hão ao ar. Se forem apalpanados, a não levarcm esse rapaz com o maior cuidado, se, finalmente, infringirem as ordens que lhes são dadas, estarão perdidos. Entendeeste bem tudo o que te disse?

— Sim, comprehendí bem. Mas se esse rapaz acordar durante o caminhar ou nos subterraneos, o que faremos?

— Elle só acordará quando nós quizermos.

— Mas se por acaso acordar, insistir o bandido, que devemos fazer?

Ninguém respondeu. Geschmieter insistiu:

— Porque me não responde?

Nem palavra obteve em resposta.

O bandido começou a apalpar as paredes em roda. Só encontrou o vazio. E não sentia o halito que até ali lhe tocára as faces.

— Quem lhe fallára devia ter desapparecido de repente, embora Geschmieter não comprehendesse como.

Sentindo um terror indizivel, metteu as mãos nos bolsos e tirou d'elles um pequeno pacote de mechas, que tentou accender. As primeiras estavam humidas. Finalmente conseguiu accender uma.

Mas viu ninguém. Silencio absoluto. E a escuridão, depois da mecha flamejar por nos momentos, tornou-se ainda mais densa, inundando-lhe o pavor.

Geschmieter dirigiu-se para o que elle denominava posposamente o seu hotel, accordou os companheiros e transmittiu-lhes as ordens que de modo tão singular recebera.

Enquanto Blasser e Marchen escutavam com uma tal ou qual incredulidade e que o companheiro lhes contava, uma velha andrajosa saía pela entrada dos subterraneos que dava para o parque Thereza, cozia-se com a sombra das arvores, e, como já vimos uma vez fazer-lhe, sumia-se pela porta do muro do jard m da condessa Wera Terzoff.

Essa velha não reparára n'um velho que lhe seguia os passos desde que ella appareceu no parque.

Esse velho era seguido por um outro, o se desapparecer a velha, os dois juntaram-se, trocando impressões em voz tão baixa que nem mesmo quem estivesse junto d'elles poderia ouvir uma unica palavra.

Erão dois conhecidos nossos, os ajudantes de Sherlock Holmes: Harry Taxon e o obituro Wang.

CAPITULO VII

Novas complicações

O ministro da guerra só accordou à noite e só então pôde saber o que tinha succedido.

Julgou a principio, quando o seu ajudante de campo lhe narrou os factos occorridos na noite anterior, que ouvia mal ou que ainda estava a dormir e sonhava. Mas quando soube que eram sobre seu filho que recaíam as suspeitas de ser o principal autor do roubo, viu e com boa razão.

— Udo, suspeito? Ah, ah, Desculpe, meu caro major, mas acho-lhe graça, apezar da situação ser grave. Meu filho Udo aliado com gatunos para praticar um arrombamento em minha casa? Ah, ah, ah! O ancillo riu durante um momento a bom rir. Retomando, porém, a sua serenidade, continuou:

— Não se ar. maior, não pôde ser. O rapaz é com effeito um grande pandego e gasta muito dinheiro, como nós faziamos no tempo da nossa mocidade, mas d'ahi a supposto cumplice dos bandidos va uma grande distancia.

«Demais, ha uma circumstancia que lhe vou revelar, major, visto que as circumstancias a isso me obrigam. Meu filho foi ha tres dias nomeado embaixador secreto n'uma corte e o ministro dos estrangeiros recebeu o meu Udo com a maior cortezia e amabilidade.

«Mas deve comprehender, meu filho, além de não ser dotado de tão baixos sentimentos como os que lhe attribuem, não lhe comprometterá a sua carreira, que se lhe antolha brilhante, com uma tal accão. Será um leviano, um desoivadas, d'accordo, mas bandido ou cumplice de bandidos!

— Tem razão, meu general. Entendi, porém, que devia contar-lhe a verdade e desculpe-me se offendi o seu modo de pensar.

— Foz muito bem, major, e fez-lhe grato pela franqueza com que me fallou, Assim, sei o que hes de pensar a como proceder.

— Uma hora depois, o conselho de ministros estava reunido. O general não faltara. Sabia-se que o roubo dos documentos fóra conservado secreto, tratando-se de evitar por todos os meios, a sua divulgação. Foi debattida a hypothese de ser o filho do ministro da guerra co-auctor de desaparelhamento de tão importantes documentos, pois depunha contra elle o facto de ainda não ter apparecido.

— Que pensa a este respeito? perguntou o presidente do conselho ao seu collega da guerra, depois de terminada a reunião.

— A minha opinião é que os bandidos só queriam apoderar-se dos diabeiro e que os documentos lhes caíram casualmente nas mãos. Como não conheciam o seu valor, ou os rasgaram como inteitos, ou os conservaram em seu poder para com elles exercerem chantagens.

— Não se atreverão, porém, a servir-se d'elles, e ignora de certo o valor que tocm, visto se regra geral os gatunos não scrvm, verados em politica.

— Ora! que assim seja. Desconfio se já d'alguem e a policia tem algum indicio que a pouha na pista dos bandidos?

— A policia julga conhecer o auctor do arrombamento, pelo modo como elle procedeu. É um certo Blasser, ferrivel gatuno, que ha pouco saí da casa de Condessa. Mas é um gatuino, embora muito habil, e nunca se occupa de politica.

— Mas se o arrombamento foz pago por algum espiao ao serviço de qualquer potencia inimiga?

— Creio que todos os espões politicos que residem em Vienna são conhecidos e vigiados cuidadosamente pela nossa policia. E ainda é convicção minha que os que aqui estão não conseguirão favor o que quer que seja, sem que a policia o saiba. Todas as legações e consulados foram immediatamente vigiadas, sem que até agora coisa alguma de suspeito tenha sido notada.

N'esse momento, depois de bater discretamente à porta, um criado entrou, dizendo:

—O senhor comandante da policia pede a V. Ex.^a para ser recebido immediatamente.

—Que entre.

O funcionario superior da policia entrou d'ahi a momentos.

—Que novidades temos? perguntou o presidente do conselho.

—Pessimas, excellencia. Por ora nada se descobriu com relação ao roubo e ao boato de receber communicação d'um facto não menos grave e que talvez venha encadear-se com o roubo.

—Diga, depressa.

—O filho do conde de Neubrunn desapareceon ha dias. Suppõe-se que foi raptado. Ora o conde é descendente d'uma das nossas mais aristocraticas e respeitaveis familias, como V. Ex.^a não ignora.

Os olhos do presidente do conselho de ministros chammaçaram.

—Estamos sentio assim, expostos a roubos e rapto? O que faz a policia, não me dirá? Queira contar-me o que sabe a respeito d'esse novo crime.

—Pouco posso por enquanto adiantar. O joven conde, depois de dar lição, fôra dar um passeio pelo parque do seu castello. Era de longe acompanhado por um dos creados ao seu serviço, o qual o não perdia de vista, ao que affirmo. O conde seguiu o caminho que todas as tardes tomava, mas ao passar em frente d'uma estatua de Diana perdeu-o durante um momento, apenas, de vista. Nunca mais o tornou a vêr. Não havia, porém, outro caminho e com certeza que o joven conde devia ter entrado n'um pequeno bosque que rodeia essa estatua.

Tomado de terror, o creado chamou em voz alta pelo amo, mas não obtendo resposta entrou no pequeno bosque. Ninguém all se encontrava.

Das 6 greio de alarmo e immediatamente se procedeu a uma batida em regra, sem que se conseguisse se porfim encontrar o melhor indicio.

Quando me vieram relatar este mysterioso desaparecimento, estava no meu gabinete o celebre criminalista Sherlock Holmes, o qual, apoz ouvir a descripção do caso, partiu immediatamente para Neubrunn. Tonho a certeza de que, se alguma coisa se descobriu, será devido a esse homem extraordinario.

O presidente do conselho ficou durante um momento silencioso, como que reflectindo profundamente.

Depois, murmurou, como que falando mais consigo do que com os presentes:

—O que tenho lido e ouvido dizer acerca de Sherlock Holmes é apenas em seu abono. Dizem ser ho homem honradissimo e portanto devemos agradecer ao

caso o elle estar agora em Vienna e ter querido encarregar-se de desvendar o mysterio.

De novo bateram à porta, entrando um creado.

—Perguntam ao telephone pelo senhor commadante da policia.

O presidente do conselho levantou-se e dirigindo-se ao commadante:

—Vamos vêr se ha novidade.

Era Sherlock Holmes que telephouvava de Neubrunn.

—O conde foi surpreendido e sem duvida arrebatado violentamente. No rapto interveiu uma mulher. Por ora nada mais sei. Queira indicar-me o modo de lhe fallar em qualquer momento em que precise fazer.

—O commadante da policia accedea ao pedido que lhe era feito, indicando a maneira facil de conseguir communicação.

Em seguida dirigiram-se, os tres homens, de novo, para o gabinete do presidente do conselho.

Este disse:

—Custa a acreditar. O conde tem já quatorze annos e não poderia ser raptado como se fosse um bo-neco.

O ministro da guerra e o commadante da policia fizeram um signal affirmativo ao a cabeça.

—Bem, volveu o presidente do conselho, o senhor commadante telephona-me immediatamente caso haja novidade. E vamos fazer todos os esforços para que sejam descobertos os auctores de taes proezas. Recommendo-lhe a caso.

Sairam, dirigindo-se os dois ministros para suas casas.

O commadante da policia seguiu para o commadante central.

As surpresas não deviam ficar por ahi e a policia de Vienna ia decifrar muitos outros inygnas, desvendar outros mysterios e aprender a conhecer a força de adversarios occultos e por isso muito mais perigosos graças ao auxilio que se tinha posto a seu lado, graças a Sherlock Holmes.

Apezar d'este ter prometido telephoner logo que houvesse novidade, o funcionario superior da policia não ponde refreír a sua impaciencia e no dia seguinte de manhã partiu para Neubrunn.

Ao chegar ahi, a primeira coisa que soube foi que o celebre criminalista tinha desaparecido havia algumas horas.

CAPÍTULO VIII

Sonja Poltukoff

Nascada do predio onde entrara a condessa Teresoff e d'onde pouco depois saia a dama de companhia das filhas do ministro da guerra, senhora Sternbergh, subia no momento em que a apresentamos em scena, uma mulher edosa, de aspecto agradável, que, ao chegar à porta da habitação da professora de linguas, tirou do bolso uma chave, abriu a porta e entrou para um pequeno aposento.

Essa mulher era conhecida tambem como professora de linguas e dava pelo nome de Sonja Poltukoff, pouco ou nada se sabendo a seu respeito. A professora não devia viver desafogadamente. A mobilia era modesta e ninguem tinha que censurar o procedimento da inquilina d'aquelle andar.

Passavam dias e dias sem que os vizinhos seguer a visarem, tão modesta e rotadamente vivia.

Saia muitas vezes de manhã cedo e só voltava alta noite, quando não dormia fora de casa.

O bairro em que habitava não era o mais proprio para exercer a sua profissão, visto ser habitado na maioria por familias pobres. Como ali não conseguia arranjar discipulos, tinha de se procurar no centro da cidade, onde encontrava uma ou outra alma benta, que se convencia a passar a noite em sua casa, a fim de lhe poupar o cansaço de regressar a casa.

Essas senhoras eram naturalmente protectoras da ancil.

Nenhum dos vizinhos d'esta sabia, porém, nem nunca notára que ella era visitada por uma velha andrajosa, quasi sempre embriagada e que inspirava certa repulsa.

A professora tinha entrado em casa havia apenas meia hora, quando a porta se abriu de mansinho, saindo a velha de que fallamos e que os leitores já conhecem, que fechou a porta e começou a descer a escada com uma rapidez impropria dos annos que apparentava ter.

Ao chegar á rua, olhou para todos os lados, começando a caminhar junto das paredes das predios. Dirigia-se para a ponte de Tegheoff, debaixo d'um arco da qual se abria uma das entradas para os subterraneos de Vienna.

Deixando-se encorregar ao longo da rampa da ponte, a velha chegou a essa entrada, olhou em volta, na escuridão, e sumiu-se com tanta rapidez que parecia que a terra a tinha tragado.

Ao chegar aos subterraneos, que lhe deviam ser familiares e enjos esconderijos devia conhecer perfectamente, a velha tirou do bolso um par de sapatos forrados exteriormente de feltro, roçou a ponta do andrajoso vestido pelos pés e apurou-se não obstante a escuridão e depois por uma galeria que se abria na sua frente, com absolut segurança.

Os bandidos a quem na vespera haviam sido transmitidas ordens de modo tão mysterioso, tinham cumprido.

Haviam penetrado em casa da condessa, haviam encontrado o joven que lhes fôra indicado e tinham-no levado.

Com as maiores precauções tinham-no transportado para os subterraneos e haviam finalmente respido ao levarem a cabo a sua arriscada empreza sem que ninguem por tal dissesse.

A victima, profundamente adormecida, não despertára, ainda quando caminhavam no subterraneo, apesar de, por vezes, receber rudes empurrões.

Os bandidos levaram a victima para o seu refugio, lentamente, empregando os maiores cuidados.

Geschmieter, que ia como guarda avançada, ao chegar all recoum, soltando uma imprecação, pois notára que no hotel havia alguém extranho.

—O que é, Geschmieter? perguntou Blasser, em voz offeagante pelo cansaço.

—Alguem se introduziu no nosso hotel enquanto estivemos ausentes.

Blasser dispunha-se a pôr no chão o fardo vivo que com Marchen trazia, quando se ouviu uma voz de mulher, dizendo:

—Entrem, que ha muito que os esperava!

Geschmieter reconheceu a voz da enviada da mascarada.

Os bandidos obedeceram, depondo no miseravel tugurio o fardo que levavam.

—Ha muito tempo que estão ausentes? interrogou a velha. Certo, que tiveram um motivo. Devem voltar á casa onde foram buscar este rapaz e esperem ahi na sala de jantar, até que os chamem. Estejam socogedos e calados e se lhes pedirem auxilio durante toda a noite, ao romper do dia, zaiam e venham para aqui esperar novas ordens.

A velha desapareceon, sem que nenhum d'elles soubesse dizer como, nem por onde.

Marchen progredia, destando em voz alta que não estava disposto a receber ordens d'uma desconhecida, mas preparando-se para obedecer segamente com os seus compaheiros.

A velha abriu a porta do muro do jardim quasi ao mesmo tempo que os tres bandidos entravam no jardim.

Fôra, no passio, estavam de novo dois vultros, os quos tiveram tempo de se occultar por detrás

massivos, de modo a não serem vistos pelos bandidos.

—Verá como em dois ou tres dias se restabelece completamente dos incommodos que lhe produzira a ingestão da beberagem, dissera o sábio escultor.

CAPITULO IX

O rapto do conde

O medico tinha aconselhado á dama de companhia das filhas do ministro da guerra, depois d'ella ter feito o seu depoimento, a mundaça d'ares.

—Verá como em dois ou tres dias se restabelece completamente dos incommodos que lhe produzira a ingestão da beberagem, dissera o sábio escultor.

—Seguiria com o maior prazer o seu conselho e iria para junto de minha mãe, mas o que d'isto se lembra se me não encontrarem, quando voltarem a si?

—Desculpa-se e direi que foi por ordem minha que seguiu para o campo. Ainda descobrirei muitas vezes primeiro que voltam a si, o que deseja que ou beberam mais que a senhora, ou que o seu organismo é mais resistente.

—Só com o blo do, foi a resposta da dama de companhia, a qual, obedecendo ás ordens do medico, d'ahi a pouco saia do ministerio do guerra.

O velho medico julgou ter dado a sua ordem por iniciativa propria e muito admirado ficaria se lhe dissessem que, ao dal-a, não fizera mais que obedecer a uma suggestão.

Mas fossem lá dizer isso a um velho clinico que contava um bom numero de annos de pratica e afezra ás tradições. Fora espontaneamente, assim o pensava pelo menos, que dera essa ordem, e quem lhe quizesse provar o contrario passaria a seus olhos por doido varrido.

A sr.^a de Sternburgh dirigiu-se para casa da professora de linguas e ali ficou sem duvida, pois ninguém a viu sair. Quem sãlla foi a condessa de Tencost, que tomára um carro e seguiu para o seu palacio. Essa é que sentira a necessidade de respirar a puro, porque, poucos minutos depois de ter entrado, saia de novo, encaminhando-se para Neubrunna.

O joven conde Heribert, já bastante desenvolvido apesar de contar apenas quatorze annos, tinha acanhado a ligo e o receptor permitira-lhe como succedeo todas as tardes, um passeio pelo parque.

N'aquelle dia, como em todos os outros, dispensára a companhia do creado, percorrendo as ruas do magnifico parque na melhor disposição de espirito.

Ao chegar junto da estatua de Diana, como já referimos, em dois dos anteriores capitulos, o joven conde, percebendo-lhe ouvir ruido junto da estatua e entre os

arbutos proximos, nada de mais suppondo, dirigiu-se para o lado d'onde lhe parecia ouvir o ruido.

Com a rapidez do pensamento, sentiu um sacco cair-lhe sobre a cabeça, metterem-lhe até ao pescoço e depois levantarem no ar e condensarem no para fora d'ahi.

Recuperando um pouco o sangue frio que a principio o abandonara, esforçou-se por resistir aos seus inimigos, gritando, mas os seus movimentos abafados e pouco depois percebeo que o metiam n'um carro e a amarravam com cordas.

Podeu vir n'esse momento, por um pequeno buraco que tinha sido feito no sacco, sentados na sua frente uma mulher nova e dois homens.

Antes d'ella poder proferir palavra, esses mulher passos-lhe pelo rosto um tempo embalsamado n'um liquido que exalava um cheiro nauseabundo. O joven conde caiu para o lado. Fora adormecido pelo chloroformo.

Ao voltar a si, o joven viu trevas espessas em volta de si e sentiu os membros livres.

Recuperando pouco a pouco o uso dos sentidos, lembrou-se do que lhe tinha acontecido. Recordava-se de ter mettido no bolso alguns phosphoros de cera para, durante o passeio que ia dar pelo parque, poder fumar. Levou a mão ao bolso e encontrou-os, com grande alegria sua.

Accendeu um Cambalou. Escoztava-se n'uma galeria escura, subterranea, que seppára de um salão de uma prisão. Ao notar que cantareira na parede cheia de pedras vivas, imaginou ser uma adega.

O primeiro phosphoro apagara-se e o prisioneiro deixou passar algum tempo antes de se atrever a acender outro. Quando o fez, o sitio onde se encontrava causou-lhe tal horror que preferiu apagal-o; pois nas trevas os monos podiam supprir estas a sentidas.

A curiosidade foi, porém, mais forte. Accendeu novo phosphoro e começou procurando a saída. Deparou-se lhe uma porta de taboas mas que estava fechada e era tão solida que desafiava toda a resistencia.

Continou nas suas pesquisas.

Estreou-lhe descobriu atraz da cantareira outra porta e, verificando-se, viu que se não havia iludido. Mas tal saída só ficaria desobstruida depois de arrancar a cantareira.

Não recedeu. Arriscou-se mais do que permitia a sua idade, pôz mãos á obra. Sem pensar sequer em que o baracho que li fazer poderia atrahir algum, que o vissem arrastarem, apenas tinha uma preocupação, sair d'aquelle antro.

Escavando um pouco o chão, encontrou um pedaço de madeira resistente, de que se serviu como de uma alavanca, para arrancar os gatos de ferro soldados á parede. A situação em que se encontrava tornava-o inventivo.

Aprenou a conhecer o valor dos phosphoros, que conservava para casos mais urgentes. Na escuridão mesmo trabalhava.

Voltamos a Sherlock Holmes de quem ha muito não fallamos e que aparentemente, parece desempenhar um papel secundario n'esta narrativa.

Dá-se exactamente o contrario. Raras vezes o grande criminalista revelou as suas raras faculdades como no caso mysterioso de que nos vimos occupando. Se o leitor não aprecia até agora o seu trabalho, foi porque as investigações a que elle procedia deviam conservar-se secretas, visto elle ter reconhecido que se não tratava apenas d'um simples roubo com arrumalhamento.

Como já dissemos, quando ao commandante da policia fôr communicada a noticia do rapto do joven conde Heribert, Sherlock Holmes estava no gabinete do commandante, occupado em investigações, que aparentemente não se relacionavam com o roubo.

Sherlock Holmes pedira do archivo da policia um grosso volume e entretinha-se a folheal-o na parte respeitante a extrangeiros que residiam em Vienna, passando no nome de Sternburgh.

O celebre criminalista, depois do interrogatorio da dama de companhia, puzera-se a meditar no depoimento por ella feito. Como se sabe, a dama tinha sido mais poupada pela influencia do aserotico do que todos os outros convivas.

Ao fazer a descoberta de que os copes que haviam servido no banquete tinham sido lavrados, Sherlock Holmes adquiria a certeza de que tinha na mão o fio d'um vasto trama, Chamou Harry Taxon de parte e disse-lhe:

—Não perca de vista a dama de companhia. Ella tratou de comprometer o mais que ponde o filho do ministro e, por isso mesmo, alguma se me suspella. Também me quiz parecer que já vi aquellas freixas não sei em que rosto. Pode ser, porém, que me enganase e portanto proceda com a maior circumspeccão.

—Se me não enganase, porém, se o que supponho é certo, temos de nos lavar com uma adversaria terrivel, o que faz com que tenhamos de redobrar de precauções.

—Wang fica contigo e eu vou para o commissariado central onde, se preciso for, o chinês me irá chamar, porque elle tem objecto de perdigueiro.

Uma hora depois Wang liu a ter com o criminalista, a quem entregava o seguinte bilhete:

—St, saii ha pouco e dirigiu-se para o bairro de Unterwied, entrando ali n'um predio cuja apparencia não é das melhores.

Tal bilhete confirmava as suspeitas de Sherlock Holmes. Esforçou as mãos dando pequenos estalos com os dedos, o que n'elle era indicio evidente de satisfacção.

Wang tinha regressado para junto de Harry Taxon.

Quando o criminalista se preparava para sair do commissariado e dirigir-se ao bairro que lhe era indicado, novo bilhete vinha trazer-lhe a seguinte informacção:

—St, abandonou a casa disfarçada e por investigações a que procedi conseguia saber que duas senhoras vinham ultimamente frequentes vezes á casa de que fallei, onde mora uma professora de linguas, uma servia, as quaes se affirmam que nunca chegaram ao mesmo tempo, pois no dizer da professora não se podem ver. Uma é a condessa Tereoff e quando a outra visitava entra, ella sae d'ahi a pouco. Sigo a tal condessa e deixo a Wang os signaes da outra.

Aquella informacção era para o criminalista uma revelação. Percebia tudo. O arrumalhamento fora cometido com o mobil do roubo dos documentos.

Se Taxon conseguisse provar que a condessa e a outra senhora não eram mais que uma e a mesma pessoa, ver-se-hia se era ou não verdade o que Sherlock Holmes dizia e uma busca em casa da condessa faria descobrir os documentos roubados.

Interrogando o commandante da policia, obteve informações acerca da condessa Wera Tereoff e dirigiu-se para o palacio d'esta, a fim de lhe fallar.

Durante o caminho foi pensando no que devia fazer. Antes de chegar ao palacio, soube que a condessa não estava, pois saira logo quasi depois de ter entrado. Nenhum dos creados, verdadeiramente discretos, sabia dizer quando ella voltaria e só com muito trabalho Sherlock Holmes conseguia saber que a tinham acompanhado duas servizes, além do cocheiro.

O creado que fornecera este pormenor empallidou de subito quando Sherlock Holmes se voltára para sair. O criminalista dera de cara com um homem muito alto e de feia apparencia, parado nas escadas, olhando-o com um olhar ferozidade, ao mesmo tempo que dava ordens aos creados.

—Pawlow, porque conversas com extranhos? disse elle encolerizado.

O creado uniu-se, sem tugar nem mugir, e o que o reprochador desapareceu tambem, sem sequer deitar novo olhar para o criminalista. Sherlock Holmes voltou ao commissariado central. Sabia o que tinha a fazer, já não hesitava.

A condessa devia ser immediatamente presa, acia rando-se assim o mysterioso roubo dos documentos.

Fôra quando elle entrava no commissariado que chegára ali o aviso do rapto do conde Heribert. Os

factos, no espirito de Sherlock Holmes, tinham mais ou menos correlação e, em seu entender, o auctor de ambos era o mesmo. Por isso, partira immediatamente para Neubrunn.

CAPITULO X

Em perigo de morte

O que a creadagem não conseguira descobrir ao procurar, sobressaltada, o joven coudo, conseguiu-o a vista experiente e perspicaz de Sherlock Holmes, a quem não escapava o mais pequeno indicio de qualquer crime.

Em poucos momentos descobrira no pequeno bosque o sitio por onde os raptadores haviam levado o coudo, concentrando n'esse sitio toda a sua attenção.

Rastejando pelo chão, com um trabalho insano, pois tinha de se servir da sua lanterna electrica para discernir bem, adquiria a certeza de que o raptado fôra mettido n'uma carruagem.

Encontrou o lugar onde a carruagem estivera parada, assim como descobria os sinais de locos que se travára entre raptadores e raptado.

Ao fazer tal descoberta, Sherlock Holmes pensou: —Esta condessa que faz visitas singulares a uma casa n'um bairro afastado, ao que affirma Harry Taxon, e a dama de companhia são uma e a mesma pessoa. E saia de carruagem acompanhada por dois creados! Para que lhe serviam esses dois homens? Para onde foi ella? Naturalmente veio para Neubrunn e foi a condessa a auctora do rapto.

Depois d'assim ter reflectido, o criminalista, que tinha mandado esperar o carro que o conduziria, regressou a Vienna.

—Hei-de saber por onde ella se dirigiu quando regressou ao seu palacio, ia elle murmurando. Estou convencido que tenho a verdadeira pista, se bem que ainda não posso comprehender o interesse que a serviva tinha no rapto do coudo.

Harry devia estar no seu posto e o criminalista conhecia a intelligencia e perspicacia do seu fiel auxiliar.

Ao chegar á cidade, apeou-se ao carro e resolveu apresentar-se em casa da condessa. Nem Harry Taxon nem Wang tinham apparecido. Apesar de ser tarde, o criminalista decidia entrar, para averiguar por si mesmo quem era a condessa.

O documento que o commandante da policia lhe fornecera livrava-o em qualquer conjunctura de ser incommodado. Bastava que declarasse ser um esquivado profissional.

As janellas do palacio estavam ainda illuminadas, indicio claro de que a condessa estava em casa.

Ao entrar, saia-lhe ao encontro o creado que horas antes o informára da saida da condessa. Dirigiu-se-lhe, perguntando-lhe quando tinha chegado a sr.^a condessa e se poderia fallar durante um momento com os seus creados que a tinham acompanhado.

O creado afastou-se, rosnando, sem lhe responder.

O criminalista seguiu ávante, saindo-lhe á frente o mordomo, que lhe perguntou: —Que deseja o senhor? Já aqui esteve hoje, tentando interrogar os creados; aqui não ha segredos o quer-me parecer permitta-me que lh'o diga, que devia pôr termo á espionagem. Sou o mordomo da sr.^a condessa e se deseja informações estou prompto a dar-lhas, no caso de me dizer quem é. Sendo apenas mera curiosidade, não estou disposto a satisfazê-la e deixo-me em socego, assim como aos creados.

—Não pedi informação alguma aos creados, nem lh'ia peço a si. Quanto a espionagem é officio vil de mais para mim, comprehendo? Venho com autorisação do sr. commandante da policia e preciso fallar a sua ama e com urgencia. Se já estive já hoje foi por este motivo e como soube que a sr.^a condessa tinha saído resolvi vir agora, pois tenho, repito, de lhe fallar com urgencia.

O mordomo inclinou-se e accetando o bilhete que o criminalista lhe apresentava:

—Queira seguir-me. Vou conduzi-lo á sala de espera e em seguida levar o bilhete á sr.^a condessa.

O mordomo, Petroff, abriu Sherlock Holmes por um corredor, gireu uma porta e convidou-o a entrar.

O criminalista sentou-se n'uma poltrona á vontade, pois sabia que tinha de esperar. A condessa, ao que parecia, tinha visitas, que não podia despedir assim sem mais, nem menos.

Reflectindo nos seus projectos, sem dar pelo tempo que decorreu, ao criminalista não occorreu a ideia de que o podiam alli ter enclausurado.

Nem tal idea lhe polia ter occorrido, porque a condessa Terezoff entrou, fechando a porta atraz de si.

Ao vêr aquelle rosto de olhar vivo e penetrante, Sherlock Holmes teve a sensação nitida de já o ter visto. De subito, recordou-se. Não era só o rosto da dama de companhia que elle vira ao despertar. Muito antes o conhecera.

A condessa, não hesitando o olhar do rosto do criminalista, compoz:

—Desejava fallar-me com urgencia e, ao que me disseram, por ordem do commandante da policia. Os meus convidados estão á espera, mas vejo que não tem muita pressa, pois não faz senão olhar para o meu casso. Quer tirar algum modelo por elle?

Estas palavras foram acompanhadas d'um riso argentino. Apesar d'esse riso, que parecia franco e sincero, Sherlock Holmes não pôde afastar o pensamento de que ella estava representando uma comedia.

—Não quero, sr.^a condessa, roubar-lhe tempo e apenas lhe peço o obsequio de responder a uma pergunta que vou dirigir-lhe. V. Ex.^a foi hoje a casa d'uma professora de linguas, que mora no bairro de Unterwied e lhe pediu-lhe informações acerca d'essa senhora. Eu poderia...

—Não continue. A admiração que d'elle se poderia fazer impediu-o á isso.

Era possivel que um rosto de mulher se transformasse assim tão rapidamente? Não era já o rosto d'uma mulher bonita que tinha em frente de si, mas antes o de uma ave de rapina que farça a preza e se prepara para a devorar.

—Des libios da condessa exhalou-se um grito como das fauces d'um tigre enfurecido.

—Como é que sabe que fui a essa casa? Porventura sou vigiada, exerceo vigilancia sobre os meus atos?

—Sem responder directamente, Sherlock Holmes replicou:

—Sei ainda mais. Sei que a professora a que me refiro foi visitada tambem por uma dama de companhia, de nome Sternbrugh, que tem uma semelhança extraordinaria com a senhora condessa, e que a senhora sa quasi logo da casa da professora, depois d'essa senhora ali entrar.

—Com certeza se enganou, senhor. Não conheço nenhuma dama de companhia com esse nome e se vou a casa d'essa professora fago e por uma simples razão, qual a d'ella ser minha patria.

—A sr.^a condessa garantiu-me então que não conhece a dama de companhia? perguntou Sherlock Holmes com um sorriso tão irónico.

Forçoando por tranquillisar-se, a condessa redarguiu.

—E se eu confessasse que a conheço, que mal me adviria d'ahi?

—Nenhum, sr.^a condessa. Apenas...

—Apenas?

—Seria mais um elemento de prova para justificar as nossas presumpções.

—Póde dizer-me que presumpções são essas?

—Alguem se encarregará de as fazer saber á sr.^a condessa e não eu. Venho aqui apenas no cumprimento d'um dever. O resto não é commigo. Demais a mais sou estrangeiro.

—Ah! E' estrangeiro?

—Para que negal-o? E a sr.^a condessa sabe-o tão bem como eu. Paço-lhe a honra de a considerar assaz intelligente para não ter de representar commigo uma comedia que seria indigna de nós ambos.

—Não comprehendo o que quer dizer.

—Não quer comprehender, diga antes.

—Porque duvida das minhas palavras? Se digo que não comprehendo, é porque effectivamente assim é.

—Permitta-me que não acredite.

—Porquê?

Sherlock Holmes alçou a fitamente, em silencio, durante alguns segundos. Depois em voz pausada:

—Não a acredito, porque sabe perfeitamente que sou Sherlock Holmes, visto que me viu em casa do ministro da guerra, onde a sr.^a condessa representa o papel de dama de companhia e onde se chama Sternbrugh.

—Vejo que me toma por outra pessoa.

—Repto-lhe que me não enganou com facilidade. Já alguma vez ouviu fallar em mim?

—Quem não tem ouvido fallar no celebre Sherlock Holmes?

E o tom da condessa era um tanto ou quanto irónico.

O criminalista curvou-se um pouco, como que agradecendo.

—A sr.^a condessa faz-me uma grande honra, que não mereço, referindo-se tão illogicamente a minha personalidade. Pois, n'esse caso, deve saber que tenho descoberto alguns crimes que outros não poderiam descobrir.

—O que prova que a policia de Vienna se via na necessidade de chamal-o em seu auxilio!

—Apenas por acaso, visto que estou aqui de passagem.

—E por quanto tempo teremos ainda o prazer de o ter entre nós?

—Não sei ainda bem, sr.^a condessa. Depende isso da maior ou menor facilidade que tiver na solução d'um caso que me propuz desvendado.

Parcia uma troca de amabilidades entre duas pessoas que estivessem reunidas como que por acaso.

—Não quero porém roubar tempo á sr.^a condessa, continuou Sherlock Holmes, e, portanto peço-lhe me diga se as minhas conjecturas são ou não verdadeiras.

—Tem muito empenho em o saber?

—Muito, mais talvez do que a sr.^a condessa possa suppr.

—E porque, póde dizer-me?

—E' facil de adivinhar. Porque sabendo eu que me não enganou, immediatamente tudo mudará de aspecto.

—Para mim, ou para o sr. Sherlock Holmes?

—Para ambos, minha senhora. Eu limitar-me-hei a cumprir o meu dever e a sr.^a condessa terá a bondade de me acompanhar.

—Não poderei ir despedir-me das minhas visitas? perguntou ella, sorrindo.

—Quem pensa n'isso? reardargiu Sherlock Holmes, sorrindo tambem. Irá commigo immediatamente. Um pequeno passeio, apenas para uma explicação perante o commandante da policia, e voltará depois ao seu palacio.

O celebre criminalista não desviava o olhar do rosto da condessa, a qual, enquanto elle fallava, reconu até á parede. Ao chegar ahi, levou as mãos atraz das costas, como que procurando o que quer que fuisse.

Uma voz intima avisava Sherlock Holmes de que devia proceder com a maior cautella, tendo de subito o presentimento de que se defrontava com uma adversaria perigosa. Percebeu o que ella queria ao recuar para a parede, assim como viu que ella se não tinha enganado.

Notou que na parede a que a condessa se encontrava havia o botão de uma campainha electrica, pois, apenas ella o premira, a porta abriu-se de subito e o mordomo entrou na sala.

A condessa dirigiu-lhe algumas palavras em lingua servia, Petroff inclinou a cabeça, como que cumprimentando, e antes que Sherlock Holmes o pudesse evitar levou um apito aos labios, tirando d'elle um som argentino.

O criminalista só via em pé, atraz de si, o mordomo e não reparára em que se abria uma porta lateral e a que por ella entravam dois homens.

—Agarrem esse espiao! ordenou a condessa. Antes que Sherlock Holmes pudesse fazer um movimento, sentiu-se aparrado, amarrado a uma cadeira e amarrado com um sacco, que lhe enfiaram pela cabeça. O mordomo correrá tambem para elle, tratando de lhe enfiar o corpo no sacco.

Sherlock Holmes tentou debater-se, mas o ataque fôra tão inesperado, que toda a resistencia se tornára inutil e d'ahi a momentos o criminalista jazia inerte aos pés da condessa, como um fidalgo.

—Petroff, mandaste vêr se a casa está cercada? Sim, minha senhora, mas nada ha de novo, respondeu o mordomo.

—E mandaste tambem examinar o muro?

—Vi em proprio tudo, minha senhora. Se este homem aqui veio na sua pista, veio sóinho, o que se comprehende. Os espies não se auxiliam uns aos outros, antes occultam tudo o que sabem. Consideram-se uns aos outros como rivales e na'la dizem do que sabem. Este que aqui está com certeza não é excepção. Se soubesse, porém, o que estava para lhe acontecer, com certeza que não teria feito esta visita sóinho.

—E julgas, Petroff, que não sabem que elle veio aqui?

—Creio poder affirmar que não.

—Parece-me que tens razão e estou contente com o teu servico. Ouve agora o que tenho que dizer-te. Esquece-te que viram este homem em minha casa.

Como unica resposta, os creados e o mordomo dobraram e joelho em frente da ama, levando aos labios a fimbria do seu vestido.

A um gesto da condessa, saíram, ficando ella a sós com o prisioneiro.

Curvada sobre o sacco onde elle se achava, a condessa disse em voz alta:

—Metteste-te no que não era da tua conta, querido amigo, e por isso vaees morrer.

O prisioneiro fez um movimento convulsivo, o que denunciava que as palavras da condessa tinham sido ouvidas.

—Não te incomodes, meu caro. Os meus creados sabem bem dar os nós e não ignoram que não graçojo com estas coisas. Por isso, não sairás d'ahi e preparo-te para a viagem eterna.

Subindo a uma cadeira, a condessa abriu uma torneira de gaz.

Descendo depois, dirigiu-se para a janella que deixava para o jardim, certificando-se de que estava bem fechada, correndo ainda a espessa cortina.

Saiu em seguida do quarto, lançando um ultimo olhar para o sacco onde estava encaerado o criminalista, fechoa a porta á chave e mettu este no bolso.

Sherlock Holmes estava condemnado a uma morte do perigo e da astucia da sua inimiga, estando por isso irremediavelmente perdido.

O cheiro do gaz começava já a incommodar-o. Via-se perdidie e de nada valia a sua energia moral. Ia morrer asphyxiado.

CAPITULO XI

Novo mysterio

Ao sair do quarto onde o criminalista ficára encaerado e onde estava destinado a uma morte certa, a mão se dar um verdadeiro milagre, a condessa Wera Teresoff dirigiu-se para os seus aposentos particularaes.

Foi para o boudoir, encorreu-se ahi, fechando a porta á chave, aproximou-se de uma guarda-vestidos, uma verdadeira obra prima de maroaneria e de bom gosto, abriu a porta, o que permitiu vêr o interior onde se não notava uma unica peça de vestuario, e pegando no receptor d'um tubo acoustico que no fundo do movel se via levou-o aos labios, soprou n'elle.

Alguem devia esperar por esse signal, porque d'ahi a momentos, a condessa dizia:

—Pode vir agora.

E, deixando a porta do guarda-vestidos aberta, a formosa mulher foi sentar-se n'uma poltrona, pegou n'um livro ricamente encaerado que estava sobre uma *staple* proxima e começou a folhear-o.

Absorven-se na leitura durante uma meia hora, mas, deoctrindo esse prazo, começou a dar visiveis sinais de impaciencia.

Levantou-se da poltrona, atirou com o livro para cima do movel d'onde o tirára e, anciosamente, aproximou-se da porta do guarda-vestidos, pondo-se a escutar attentamente.

Alguem ouvia devia elle ouvir, pois que, segundos decorridos, o rosto coloriu-se lhe ligeiramente, as narinas palpitavam-lhe e, recusando, de novo se foi sentar na mesma poltrona, tomando uma posição graciosa e simultaneamente meditativa, encostando á bella frente a uma das mãos.

Era uma posição affectada, mas que, forçoso é confessar-o, tornava aquella mulher realmente seductora.

De subito, o fundo do guarda-vestidos girou lentamente sobre si mesmo, com um ruido quasi imperceptivel, dando passagem a um homem mascarado, que se concebia ser pessoa distincta, pelo cuidado do vestuario, d'um corte irreprensivel, e pelo seu todo, de que se exhalava esse não sei quê que faz conhecer entre mil o homem verdadeiramente superior.

O mascarado parou um momento. Depois, fez girar o mechanismo, que muito bem devia conhecer, desaparecendo a abertura por onde entrára, e, dados alguns passos, encontrou-se no meio do aposento.

A condessa fingia não o vêr, apesar de por só as sedosas pestanas, lhe ter seguido todos os movimentos.

O extranho visitante aproximou-se sem fazer ruido, ajoelhou junto da poltrona onde a seroia estava sentada e levando aos labios a mão da condessa que estava pendente imprimiu n'ella um beijo ardente.

A condessa soltou um pequeno grito.

Era uma comediante perfeita.

—Não me esperava então, condessa?

—Sim, esperava, mas...

—Mas estava embediada nos seus pensamentos e não reparou em que o tempo passava e não podia demorar que eu chegasse.

—Confesso que me deixei ir atraz dos meus devaneios. O condessa sabe bem que o espero sempre com impaciencia.

—Palavras apenas, que nunca, nunca são confirmadas pelos seus actos.

—Porque diz isso?

—Porque até hoje ainda não sei se me tem ou não amór.

—Conde!

—Que quer, Wera? Estou loucamente apaixonado por si, commetto toda a especie de imprudencias, não sei o que digo, nem o que fapo, e brinco commigo, como o meu amór, com a minha vida, sem que me tenha dado uma unica prova de que me corresponde.

—Não o recebo aqui no meu *boudoir*, na intimidade, a sós e a horas improprias d'uma mulher receber um homem, que, de mais a mais, vem por um caminho que ninguém conhece?

—De que me serves isso? Já uma unica vez fui a ventura por que tanto amas? Já a tire porventura nos meus braços, palpitante, louca de amór, jurando ser minha e só minha? Não, ainda tal me não foi dado. E, ainda mais, quando aqui venho, obriga-me a vir mascarado e não poder tirar esta mascara, com receio de que algum possa vêr-me. Receios imaginarios, pois quem poderia vêr-me aqui?

—Todas as precauções são poucas, meu caro conde. Onde muitas vezes não supponho o perigo é ahi que elle se encontra. E sabe muito bem que se como essa precaução é mais por si do que por mim. Que me importava que o vissem em minha casa, que tinha eu a perder com isso? Ao passo que tal já não succede ao conde. Perderia a sua posição, o brilhante futuro que lhe está reservado.

—Que me importa? E, de mais, quem teria que extranhar que eu viesse visitar a condessa Wera Teresoff?

—A semelhante hora?

—Não frequento eu as suas salas de dia e quando dá *soirees*?

—Sim, quando todos os olhos estão fitos em nós e sabem que não podemos trocar uma palavra que não seja de mera cortezia. Ao passo que, vendo-o aqui a semelhante hora, diriam immediatamente que era meu amante.

—E porque não hei de ser-o?

—Esquece-se de que ha entre nós sua mulher?

O mascarado cambaleou quasi. Levou a mão ao peito e soltou um fardo suspiro.

—Sim, tem razão, disse elle apoz alguns momentos de silencio. Estou louco, louco varrido, e não mais voltarei aqui. Desculpê, condessa, as palavras offensivas que ha pouco lhe dirigi. Nunca mais me verá.

E, fazendo uma profunda venia áquella mulher seductora, dirigiu-se para o movel por onde tinha entrado.

A condessa Wera seguiu-o com o olhar, como que querendo fiscal-o.

De subito, ao vêr o approximar da porta do guarda-vestidos, deu um salto como d'uma panthera, e, collocando-se-lhe na frente, perguntou-lhe em tom tanto ou quanto incisivo:

—Onde vas?

— Bem vê. Vou-me embora.
— Porque?
— Pois a condessa não se despediu?
— Despedi-o?
— Sim.
— Explique-se. Não o compreendo.
— Quer que lhe fale com toda a franqueza?
— Exijo-o.
— A condessa não ama nem nunca amou!
— Quem lho disse?
— As suas palavras, tudo o que acaba de dizer. Quem como eu sente a paixão não pôde nunca ser senhor, ha de ser sempre o escravo d'aquella a quem ama.

— Então, se os fosse sua?
— Oh! Seria capaz de tudo.
— Até do crime?
— De novo o mascarado cambaleou.
— Até do crime, disse elle em voz vacillante.
— Pois bem, serei tua, voltou ella, mas com uma condição, uma unica condição. Não imagines que vou pedir-te que mates tua mulher, ah não!
— E aquella mulher infernal rolando o pescoço do mascarado, approximou os labios sensuaes do d'elle e imprimiu-lhes um osculo de fogo, demorado e ardente.

— Era a primeira caricia de tal natureza entre os dois trocada. Elle apertou-a ao peito demoradamente, mas, apoz um momento, ella desprendeu-se-lhe dos braços e recuando a pouco:
— Como vies, cumprirei o que disse, serei tua.
— Quando?
— Amanhã, se assim o quiseres, mas; antes, dar-me-ha uma prova do teu amor, uma prova que nada te custará.

— Dize, oh, dize, meu amor, minha adorada!
— Pois bem.
— E approximando os labios do covildo d'elle, a condessa Wera murmurou algumas palavras, que no mascarado deviam ter produzido funda impressão, pois atravez da mascara viram-se-lhe como que contrahissem-se as feições e os labios enlivedearam-lhe.
— Segredo de Estado! murmurou elle.
— Que pagarei com a minha possel redarguiu ella.
— A deshonra, o hipóndio para mim!
— Quem saberá que foste tu? Não preciso do original. Basta-me uma copia.
— Tentas-me, seductora!
— Amo-te!
— E os braços da sereia de novo rodearam o pescoço do mascarado.
— Amanhã trar-te-hei o que queres!
— Amanhã serei tua, tua para sempre!
— Adens!
— E como que fugindo, o mascarado entrou no qua-

da-vestidas, fez girar o mecanismo e desapareceu.
A condessa Wera Teresoff ficou um longo momento á escuta, fechou o guarda-vestidos.
— Pobrez tolo que supões ser amado! O que en quero é o documento que te pedi. Depois, oh, depois, veremol!
E teve um rictus de feroicidade.

CAPITULO XII

A mulher das quatro cabeças

Emquanto no castello de Neubrunn, sob a direcção do commandante da policia se procuravam os raptos do conde Heribert assim como o rasto de Sherlock Holmes, que desaparecera mysteriosamente, nos subterraneos de Vienna, que passavam por baixo do palacio da condessa Wera Teresoff, um homem ou antes uma creanga esforçava-se por conquistar a liberdade.

O conde Heribert tinha feito esforços titânicos, o suor alforçava-lhe o rosto, caíndo em grandes bagas, mas não desanimava. Dotado d'uma vontade de ferro, tentava sair do carcere onde o haviam mettido.

Viu finalmente coroados de exito os seus esforços. Apoz immensos trabalhos, conseguiu remover da parede a cantareira e pôde emparar a porta que se encontrava por detrás d'esta.

Estava aberta.
O conde não largou a alavanca que tão bons serviços lhe havia já prestado, accendeu um phosphoro e olhou em redor. Uma escada íngreme, que demontava ser muito antiga, atrahia-lhe a attenção por aqui a canalhação? Como é necessario cautela com os phosphoros, vou apagar este. Os meus olhos estão já habituados á escuridão.

Subindo os degraus com a maior precaução, sentiu sobre a cabeça, de subito, uma resistencia. Curvou-se um pouco a fim de forçá-la, pois calculou que devia ser um alçapão. Sentiu que este cedea, ao mesmo tempo que a escada rangia, o que indicava a pouca consistencia que esta tinha.

Fez ainda outra descoberta. O cheiro do gaz provinha de cima e era pelas frinchas do alçapão que o fluido se introduzia.

Fez um novo esforço. O alçapão cedea mais ainda. Recolheu-o porém um taccio qualquer, que o conde de suppoz ser um tapete. O cheiro do gaz tornava-se tão activo que o obrigou a descer alguns degraus. Mas parou de repente, porque o cheiro que agora vi-

nhu do subterraneo começava já a dificultar-lhe a respiração.

— Preciso encontrar uma saída para o maldito gaz, se não morrerei aqui asphyxiado, murmurou elle. O unico recurso que me resta é tornar a subir e entrar na casa d'onde o gaz sae. Qualquer demora pôde ser-me fatal.

Subiu rapidamente e reunindo todas as forças conseguiu que o alçapão cedesse o bastante para elle poder entrar.

Arrastado-se pelo tapete, procurava orientar-se onde estava. Quasi como os sentidos perdidos, chegou a uma porta e d'alí a um momento a uma janella. Precipitou-se instinctivamente para esta e dando-lhe um violento encontrão conseguiu quebrar dois vidros.

Soffregamente, aspirou o ar que entrava em lufadas. Correndo a mão ao longo dos caixilhos, encontrou o fecho e abriu a janella de par em par.

Um leve ruído obrigou-o a voltar-se, deparando-se-lhe um extranho objecto.

Tinha encontrado Sherlock Holmes. Tirou-o do sacco e com o auxilio d'uma faca que lhe encontrou nos bolsos cortou-lhe os laços que o prendiam, levantando-o em seguida para junto da janella, a fim de poder aspirar o ar puro que por ella, entrava em lufadas.

Como pôde, arrastou-o até alí. Depois, procurando com o auxilio da luz que penetrava pela janella, encontrou agua, com a qual aspergiu o rosto do criminalista, tentando ao mesmo tempo fazer-lhe beber alguma.

O joven contou d'era provas de que não perdia facilmente a coragem. Alí continuou mostrando que assim era realmente. O cheiro do gaz continuava e ouvisse o silvo que produzia ao sair da torneira.

Pela direcção d'onde esse ruído vinha, Heribert orientou-se, subiu a uma cadeira e ás apalpadellas conseguiu encontrar uma foiceira, que flocou.

O sibillar produzido pela saída do fluido cessou immediatamente.

Em seguida voltou toda a sua attenção para aquelle que acabava de livrar d'uma morte certa.

— Com certeza que se commetteu aqui um crime, murmurou o amoso joven.

Revistando de novo os bolsos do homem que tentava fazer voltar á vida, encontrou um revolver, tirou-o e vendo pelo tacto que estava carregado collocou-o a seu lado, no peitoril da janella.

Tranquillo agora, pois se achava de posse d'uma arma que lhe podia prestar valiosos serviços, continuou a sua tarefa, vendo d'alí a pouco coroados de exito os seus esforços.

Sherlock Holmes entreabriu os olhos e tornou quasi logo a fechar-os, parecendo ter desmaiado de novo. O conde Heribert pensou que a agua fria devia fazer-lhe bem.

O commandante da policia tinha regressado de manhã de Neubrunn nas peiores disposições de espirito e dirigira-se para o seu gabinete de trabalho no commissariado central.

Sentia-se impotente para aclarar os mysterios no meio dos quaes se debatia, pois todas as investigações a que tanto elle como os seus subordinados tinham procedido, haviam sido infructiferas.

Onde estaria Sherlock Holmes? Teria estado victima dos criminosos que pareciam dispôr de tantos recursos e tão bem orientados se mostravam?

O que conseguiria elle encontrar vestigios seguros e andar-lhes-hia na pista?

Eram outras tantas interrogações a que o commandante não sabia que responder.

Quando mais aborrido estava nas suas reflexões, a porta do gabinete abriu-se, entrando um agente.

A noticia que vinha communicar devia ser de excepcional importancia, pois era tal a excitação em que se encontrava que quasi não podia fallar.

O commandante da repellido o agente, por assim ter entrando no seu gabinete, mas não teve tempo para o fazer.

Atraz do agente entrára um joven com o rosto e mãos sujas, o fato sujo igualmente, apesar de se vêr que era da melhor qualidade, e até em algumas partes roto. Parecia um desses limpa-chaminés que abundam nas grandes cidades.

— D'onde vem e porque traz o fato assim, senhor conde? perguntou o funcionario superior da policia, admirado, ao reconhecer o visitante.

— Peço-lhe senhor commandante, que reserve as suas perguntas para mais tarde e que agora me forneça agentes para salvar um homem das garras dos bandidos.

Uma hora depois, o palacio da condessa estava completamente cercado e os primeiros a serem presos foram os nossos conhecidos Blasser, Geunhmieter e Marchen, que, cansados de esperar, se dirigiram para a sua toca, caíndo, ao transporem a porta do muro do jardim, nas mãos da policia.

Logo que os bandidos se afastaram d'alí, conduzidos pelos agentes, do pequeno bosque próximo destacaram-se dois vultos: eram Harry Taxon e o joven Wang.

Os tres bandidos não imaginaram que eram presos pelo ruído que haviam commettido no ministerio da guerra, mas sim por terem saído áquella hora de casa da condessa.

Não tentaram, pois, resistir, a fim de não aggravarem a sua situação e durante o trajecto iam estave-

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabururas, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

¶ mais notavel e sensacional
♦ das novidades litterarias ♦

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA DE PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 5 Fundação de Portugal |
| 2 Roma na Lusitania | 6 O cerco de Guimarães |
| 3 Os barbaros do Norte | 7 Egas Moniz |
| 4 A invasão dos Arabes | |

¶ seguir:

- | | |
|---|------------------------|
| 8 Conquista de Lisboa | 3 O Bolonhez |
| 9 Giraldo Sempavór | 14 O rei trovador |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 15 Rainha Santa Izabel |
| 11 Tomada d'Alcácer | 16 A Batalha do Salado |
| 12 Rainha D. Mécia | 17 Ingez de Castro |
| | 18 A Rainha Adultera |

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magníficas gravuras e capa artistica 700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais de incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimido d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lan es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, out'ra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, emberçadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um vaturo de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, forma um episodio completo.

Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio feminino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime d' Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batatas. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico reigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. O poço de petroleo. 22. O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700